



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA
NATUREZA - LICENCIATURA

LUCIMARA ESPICH

A CULTURA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES
FORMANDOS

ERECHIM
2019

LUCIMARA ESPICH

**A CULTURA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES
FORMANDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Carlos Ody

**ERECHIM
2019**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Espich, Lucimara

A CULTURA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES FORMANDOS /
Lucimara Espich. -- 2019.

63 f.

Orientador: Doutor em educação Leandro Carlos Ody.

Co-orientador: mestre em educação Moises Marques
Prsybyciem.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da
Natureza-Licenciatura, Erechim, RS, 2019.

1. . I. Ody, Leandro Carlos, orient. II. Prsybyciem,
Moises Marques, co-orient. III. Universidade Federal da
Fronteira Sul. IV. Título.

LUCIMARA ESPICH

**A CULTURA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DO
CAMPO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES FORMADOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado como requisito para
obtenção de grau de licenciado no Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo:
Ciências da Natureza – Licenciatura, da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 09 de
janeiro de 2019.

Banca examinadora:


LEANDRO CARLOS ODY


MOISES MARQUES PRSYBYCIEM


CHERLEI MARCIA COAN

“Seria uma atitude ingênua pensar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse as classes dominadas perceber as injustiças sociais de uma maneira crítica.”

Paulo Freire.

“Cada um lê com os olhos que tem.
E interpreta a partir de onde os pés pisam.”

Leonardo Boff

Dedico este trabalho a minha querida família que é a base de constituição de minha vida, e que me deu forças para prosseguir até o final desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Deus, que permitiu ser possível a concretização dessa etapa do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura na Universidade Federal Fronteira Sul - *Campus* Erechim (UFFS). Em especial aos meus professores que auxiliaram a minha construção pessoal e profissional, e os alunos da turma 2015.1 por todo carinho recebido.

Agradeço aos meus familiares, aos colegas de turma, as escolas, professores, diretores que concederam espaço para a realização da pesquisa para conclusão do projeto. Sou grata ao apoio recebido de amigos especialmente ao professor Moises Marques Prsybyciem, Vanderléia Dartora, Leandro Carlos Ody, Cherlei Marcia Coan e ao colega Silas Soligo que contribuíram em minha formação profissional.

Ressalto meu agradecimento a todos os orientadores e docentes que auxiliaram o processo de ensino aprendizagem, atuando com a paciência e disponibilidade na construção de novos conhecimentos, acreditando na minha capacidade e me valendo viver a metamorfose, que transformou o modo de relacionar-me com o mundo, com a educação, estabelecendo o caminho seguro de minha formação.

RESUMO

A educação básica do campo decorre de lutas dos movimentos sociais e configura-se de uma proposta curricular no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, voltada a atender a demanda de sujeitos do campo. Esses sujeitos foram historicamente esquecidos e excluídos pelo processo de expansão do capitalismo que demandou uma nova modernidade e mecanização do trabalho. O território do campo foi desvalorizado, criando a expectativa que na cidade é o local ideal para se construir a vida. Esse golpe fez nascer à visão inconveniente sobre o campo e seus sujeitos o qual gerou fortes impactos e contradições, que aos poucos busca ser revertido por meio do acesso da educação libertadora e emancipatória. No propósito de resgate das tradições culturais, manifestações históricas, desejos, sonhos, utopias, fez-se nascer da luta a Educação do Campo que assume a identidade desses trabalhadores e trabalhadoras. Surge o envolvimento da diversidade cultural presente na Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Erechim*, para formar sujeitos conscientes diante do mundo e de seus desafios, desenvolvendo o espírito crítico em resistência e defesa do direito ao ensino contextualizado. Nesse sentido, constitui o trabalho de pesquisa para identificar e analisar as percepções de estudantes no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza em relação à diversidade cultural presente no espaço universitário na abordagem dos componentes curriculares. Incentiva-se, nesse aspecto, a formação identitária e troca mútua de saberes por meio da socialização coletiva que agrega experiências à vida. O estudo teve caráter bibliográfico, consistiu em uma pesquisa exploratória qualitativa, entre os meses de março a dezembro de 2018 na apresentação das variáveis quantitativas por análise de tabela. Os dados foram coletados a partir de um questionário contendo questões abertas e fechadas, destinado aos estudantes da 8ª fase do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza- Licenciatura. Este instrumento investigativo, juntamente com os dados quantitativos demonstraram como os docentes abordam a diversidade cultural no processo formativo de seus estudantes, como orientam os estudantes para a atuação docente em escolas rurais e urbanas nas áreas de Ciências da Natureza, na construção da pedagogia interdisciplinar que rompe muros, mantendo diálogo com a comunidade e a totalidade. Também buscamos perceber os desafios a serem superados, por outro lado às potencialidades a serem exploradas assumindo seu papel formador, fortalecendo a licenciatura ao povo do campo e sua cultura.

Palavras chave: Educação do Campo, Ciências, Formação docente, Diversidade Cultural.

ABSTRACT

The basic education of the field stems from the struggles of social movements and is a curricular proposal in the Interdisciplinary Course in Field Education: Natural Sciences - Licenciatura, aimed at meeting the demand of field subjects. These subjects were historically forgotten and excluded by the process of expansion of capitalism that demanded a new modernity and mechanization of work. The territory of the countryside was devalued, creating the expectation that in the city is the ideal place to build life. This blow gave birth to the inconvenient view on the field and its subjects which generated strong impacts and contradictions, which gradually seeks to be reversed through the access of liberating and emancipatory education. In the purpose of recovering the cultural traditions, historical manifestations, desires, dreams, utopias, it was born of the struggle the Field Education that assumes the identity of these workers. The cultural diversity present at the Federal Frontier University South, Erechim *Campus*, is being developed to form conscious subjects facing the world and its challenges, developing a critical spirit in resistance and defense of the right to contextualized teaching. In this sense, I constitute the research work to identify and analyze the perceptions of students in the Interdisciplinary Course in Field Education: Natural Sciences in relation to the cultural diversity present in the university space in the approach of the curricular components. It stimulates, in this aspect, the identity formation and mutual exchange of knowledge through collective socialization that adds experiences to life. The study had a bibliographic character, consisted of a qualitative exploratory research, between the months of March and December of 2018 in the presentation of the quantitative variables by table analysis. The data were collected from a questionnaire containing open and closed questions, intended for the students of the 8th phase of the Interdisciplinary Course in Field Education: Natural Sciences - Licenciatura. This research instrument, along with the quantitative data, showed how teachers approach cultural diversity in the formative process of their students, how they guide students to teaching in rural and urban schools in the areas of Natural Sciences, in the construction of interdisciplinary pedagogy that breaking walls, maintaining dialogue with the community and the totality. We also seek to perceive the challenges to be overcome, on the other hand to the potentialities to be explored by assuming its formative role, strengthening the degree to the rural people and their culture.

Keywords: Rural Education, Science, Teacher Training, Cultural Diversity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA – LICENCIATURA.	19
2.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESENCADEANDO O MOVIMENTO EDUCATIVO 25	
2.3 CONSTRUINDO DOCENTES PELO ENSINO DE CIÊNCIAS NA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	29
2.4 DIVERSIDADE CULTURAL, CIÊNCIA E O CENÁRIO EDUCATIVO.....	34
3 METODOLOGIA.....	38
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
4.1 ABORDAGENS DOS ASPECTOS CULTURAIS NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS	41
4.2 ASPECTOS INTERDISCIPLINARES	46
4.3 TEMPO UNIVERSIDADE	48
4.4 TEMPO UNIVERSIDADE	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A: TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO.....	56
LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	56
APÊNDICE B:	59

1 INTRODUÇÃO

Diante da necessidade de perceber se os docentes do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura vem inserindo a cultura e a identidade dos sujeitos do campo ali presentes nos componentes curriculares buscou-se desenvolver a referida pesquisa.

Nesse sentido, compreendendo a importância de abordar esses elementos tão significativos na formação dos novos docentes nas áreas das Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química), dentro de uma perspectiva interdisciplinar e contextualizada que potencialize a “[...] reafirmação dos povos do campo como sujeito de seu próprio destino, de sua própria história” Benjamin e Caldart (2000, p. 42). Sobretudo que discuta o processo de formação humana crítica, sobre a realidade que estamos inseridos consistindo que a educação garanta a compreensão do todo e das partes do mundo que o integra.

A partir disso pode-se constituir o desenvolvimento pessoal, profissional, tecnológico e científico, concebido por meio da educação na teoria e na prática, de modo que o estudante possa intervir no sistema de ensino e aprendizagem de qualidade, fortalecendo o interesse e o vínculo com a vida do e no campo.

O Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, ao pensar seus sujeitos, reflete a interação formada entre o indivíduo e o ambiente, deixando nítido o reflexo gerado ao observar seu local de forma direta, através de propostas alternativas. Nesse propósito, reflete-se um projeto que viabiliza ao estudante a construção de sua identidade docente, dando ênfase aos conteúdos estudados por meio de sua cultura, saberes, valores e experiências adquiridas durante a vida do e no campo.

A importância disso é referida por Munarim (2011, p. 11), quando descreve que o campo é um “espaço rico e diverso, ao mesmo tempo produto e produtor de cultura. É essa capacidade produtora de cultura que o constitui em espaço de criação do novo e do criativo [...]. O campo é acima de tudo o espaço da cultura”.

Nesse foco, é preciso alimentar a educação “progressista” e “libertadora” Freire (1997) como traz a pedagogia freireana, onde os discentes possam assimilar os saberes trazidos com os novos conhecimentos investigados, aproximando a universidade da comunidade formada da diversidade de seus sujeitos, a fim de construir conhecimento coletivo e valorizar a identidade cultural.

Isso é possível num movimento de troca que mistura sonhos, utopias, cooperação e compartilhamento, sustentado por uma pedagogia que valorize e forme sujeitos sociais, fundamental no processo de sua constituição plena. Para isso é preciso que os estudantes observem o trabalho desenvolvido pelos docentes como referência a suas escolhas.

Os moldes e padrões nascidos do processo desenfreado de modernidade, que rotulou e excluiu os povos do campo, fez surgir uma visão completamente distorcida e inadequada do campo em sua dimensão, e dos educadores. Esse processo abusivo refletiu diretamente na constituição do cidadão, bem como em seu modo de vida.

Os sujeitos do campo cansados e indignados com tanta subordinação reúnem forças, sendo movidos no desejo comum de estar frente à luta para firmar uma educação própria aos sujeitos do campo, e seu espaço de vivência. Nesse propósito, emergiu discussões e o tão almejado reconhecimento do campo e da escola.

E para valorização maior de seus sujeitos surge o Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura que traz uma pedagogia diferenciada, uma educação constituída de intencionalidade que auxilia o trabalho e o desenvolvimento humano satisfatório e feliz, abordada no PPC (2013) do curso.

Todo o descaso sofrido pelos povos do campo fez legitimar uma proposta de educação que ganha força e é sustentada pelo povo trabalhador, na medida em que ganha forma introduz-se o conhecimento científico, visando potencializar as dimensões, sociais, políticas, tecnológicas, históricas culturais, no sentido que o homem viva o seu eu, forme sua identidade, seu espírito crítico reflexivo em diálogo com o todo.

No momento atual incentivar o compromisso com a vida no campo, com a luta do resgate aos valores, ao respeito com a natureza, torna a vida um construto histórico formado de conhecimento em benefício do ser humano.

Por ser uma pedagogia nova a ser explorada, evidencia desafios na elaboração de conteúdos específicos de educação do campo, principalmente a forma de trabalhá-los com os estudantes, buscando integrar estratégias na forma de articular os conteúdos da área das Ciências da Natureza, com as ações experienciadas dos estudantes, de modo que contemple a diversidade cultural presente na universidade.

É notório que as escolas do campo, o povo do campo nunca teve acesso a uma pedagogia própria, voltada para seu local de vida, mas ela está a ser construída. Os povos camponeses sofreram a negação por anos do ensino significativo, baseando o processo de ensino aprendizagem em conteúdos distantes de sua realidade concreta.

Sabe-se que existe em torno do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura e de seus sujeitos uma grande expectativa de construção, exigindo novos questionamentos e planejamentos acertados. A questão é buscar meios alternativos para mediar às ações coletivas na construção do conhecimento ao povo miscigenado do campo. Mas será que docentes adequam as metodologias de trabalho a cultura dos alunos, trazendo para o conteúdo? Isso nos conduz a pensar como trabalhar contrapondo práticas e metodologias que intensificam a barbárie, discriminação, pobreza, as problemáticas na educação, na política e na economia.

É algo desafiador, ao mesmo tempo em que é inovador, onde se intensifica o papel social docente, mediando uma práxis educativa, na construção de sujeitos autônomos, críticos, que como seres humanos inacabados, tendem a buscar e adequar sua capacitação constantemente. Durante o exercício docente estes profissionais vão se munindo de conhecimento para atender os estudantes, provindos do campo ou da cidade, numa ação pedagógica contextualizada, que fortalece a vida cotidiana e assume a diversidade cultural como enriquecedora.

Com esse olhar surge o questionamento: quais as percepções de estudantes no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza - Licenciatura em relação à diversidade cultural presente no curso na abordagem dos componentes curriculares?

Dessa forma, para responder essa questão se estabeleceu o seguinte objetivo geral: **Identificar e analisar as percepções de estudantes no curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza em relação à diversidade cultural presente no espaço universitário na abordagem dos componentes curriculares.** Para o desenvolvimento do presente estudo e para atingir o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar os sujeitos inseridos no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura em relação aos aspectos culturais.

- Identificar na Proposta Pedagógica do Curso (PPC) Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza - Licenciatura, se a cultura do sujeito está inserida no documento.

- Verificar as percepções dos estudantes em relação às práticas docentes referentes à metodologia usada e o seu vínculo cultural no ensino de Ciências.

Com afincos por uma educação integral e que valorize o sujeito e seu espaço onde produz a soberania e subsistência, sentiu-se a necessidade da escolha da temática. Esse processo educacional precisa estar voltado ao sujeito, lhe dando o direito de produzir história, cultura, valores, assim, possibilitando a ele se expressar com liberdade. De modo que o estudante se aproprie dos conteúdos científicos articulados às novas tecnologias e às vivências e suas experiências, estabelecendo a leitura de mundo e sua compreensão, assim, cumprindo com seu papel político-social, de forma consciente e crítica, na construção de uma sociedade mais democrática e menos abastarda. Santos e Mortimer (2000, p. 121) ressaltam que “um estudo das aplicações da ciência e tecnologia, sem explorar as suas dimensões sociais, podem propiciar [...] a visão deturpada sobre a natureza desses conhecimentos [...]”.

A educação carrega consigo a preocupação de estabelecer a cultura de vida, que requer a atenção especial de todos, pois devemos desenvolver habilidades físicas, morais e intelectuais, para adquirirmos um senso maior de responsabilidade. Educar não é domesticar ou impor normas sociais privilegiando a minoria de sujeitos, que se mantem à custa dos pobres. O frei Carbonera (2001, p. 60) nos leva a refletir que a “finalidade específica da educação é o crescimento na capacidade da pessoa ser livre”, liberdade já defendida por Freire (2011) quando se referia que educar é formar homens e mulheres livres. É desejar o desenvolvimento incondicional humano, não apenas o sucesso profissional e econômico.

Em busca dessa liberdade que Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura cria movimentos que geram aprendizados, no propósito de cultivar a vida, vinculando-se a uma prática pedagógica que se reveste “de caráter democrático e solidário entre professor e alunos e entre alunos, objetivando formar sujeitos críticos, conscientes e autônomos”. (SARTORI, 2016, p. 68).

Vendo a importância de promover uma aproximação entre instituições de ensino e as comunidades às quais os estudantes pertencem, intervindo sobre a realidade refletida e organizada, para os sujeitos do campo possam romper com os paradigmas históricos.

Nesse sentido, busca-se o resgate de saberes que emergem das ações dos sujeitos no campo, no contato com a terra, com outros espaços, vivendo experiências e a sua subjetividade, em harmonia e respeito à natureza, à diversidade de vida existente e à cultura.

Uma crise danosa afetou as memórias, história e vivências dos sujeitos, vinda a se instalar em nosso meio pela educação junto ao processo de modernização, que inibiu de certa forma a vida plena do sujeito, intensificando problemas como desemprego, fome, concentração de terras, excesso de agrotóxicos dentre outros. De acordo com Giordani et

al.(1991, p. 16) “o modelo tecnológico está acabando com a vida de nossos solos, com a nossa vida e de todo o meio ambiente[...]”.

O avanço da tecnologia, aliada ao capitalismo, ao mesmo tempo em que beneficiou a vida humana em alguns aspectos, desestruturou a vida da maioria dos sujeitos das áreas rurais e urbanas, em meio a outros fatores conforme Moraes, Kujawa e Amador (2002, p. 96) destacam que “substituição da mão-de-obra humana pela tecnologia contribui para o aumento da concentração de renda e aumento do índice de desemprego”.

Esse desequilíbrio gerou massiva pobreza, rejeição, exclusão e a subordinação sobre as pessoas são decorrentes “[...] da brutal concentração de renda que advém, principalmente da inovação tecnológica [...]”. (MORAES, KUJAWA E AMADOR, 2002, p. 99).

A partir dessa compreensão nota-se que a ganância é tamanha que ao longo da história prejudica e desestabiliza a cultura, a política, os direitos dos sujeitos, dando espaço à desigualdade e condicionando os povos a existência precária de vida, e mínimo espaço de manifestação.

É lamentável analisar que por muito tempo a escola e professores foram utilizados como meio para manipular os sujeitos, em prol de benefícios gerados para a minoria, de um modo que na nossa sociedade ainda a propagação de conteúdos descontextualizados, fragmentados, que vem a confundir e inibir o pensar correto do sujeito e sua existência. Zômpero (2009, p. 38) diz que “os alunos não são ensinados como fazer conexões críticas entre os conhecimentos sistematizados pela escola com os assuntos de suas vidas” questão importante a ser refletida.

Esse processo foi direcionando o ensino e aprendizagem para a massiva reprodução de conteúdos, sem reflexão crítica do mundo que o cerca, retirando do estudante a sua identidade, desprezando as bagagens de conhecimentos que o torna um ser total. Isso foi sendo intensificado pelos meios de comunicação midiáticos e tecnológicos, que em grande parte são criados e trabalham a fim de influenciar o sujeito com suas mazelas, com diferentes estratégias de persuasão.

Apesar de a maioria da população fazer uso e conviver com incontáveis produtos científicos e tecnológicos, os indivíduos pouco refletem sobre os processos envolvidos na sua criação. Produção e distribuição, tornando assim, indivíduos que, pela falta de informação, não exercem opções autônomas, subordinando-se às regras do mercado e dos meios de comunicação, o que impede o exercício da cidadania crítica e consciente. (ZÔMPERO, 2009, p. 60).

Lutar contra a má influência gerada através de alguns dos meios de comunicação, dos livros didáticos utilizados que intensificam a dominação, por estudar conteúdos distantes do contexto vivido do estudante, é mais um desafio que as escolas, universidades e outras instituições de ensino tendem a superar pela dialética. “É uma necessidade cultural ampliar o universo de conhecimentos científicos, tendo em vista que hoje se convive mais intensamente com a ciência, a tecnologia e seus artefatos”. (ZÔMPERO, 2009, p.35).

Esse autor ainda argumenta que o “ensino das ciências naturais em todos os níveis da educação [...] é necessário que este seja adquirido de forma contextualizada, na qual os alunos possam identificar os significados que os conceitos científicos apresentam”. (ZÔMPERO, 2009, p.35). Para a educação ter significado aos estudantes é preciso estar em “sintonia com diversos saberes e conhecimentos universais para que possam compreender sua realidade e perceber as implicações das coisas que acontecem no mundo e no seu cotidiano”. (MORAES, KUJAWA E AMADOR, 2002, p. 99).

O docente ao optar por conteúdos trabalhados de forma interdisciplinar, estabelecendo conexões com o local de pertença dos estudantes, permite aos mesmos identificar que é possível o processo educativo integrado com a vida, complementado por Moraes, Kujawa e Amador (2002, p. 104) a “educação integrada contribui para a aquisição de conhecimentos e atitudes, ligados à qualidade de vida, à cidadania e ao trabalho”. Pode-se ainda destacar em suas contribuições a importância da interdisciplinaridade tendo como

objetivo superar tanto a fragmentação do conhecimento como as ações isoladas na formação [...] possibilitando a aquisição de conhecimentos, habilidades, competências e atitudes necessárias ao desenvolvimento do ser humano como ser integral. (ZÔMPERO, 2009, p.104)

Que as instituições de ensino possam se abrir para receber o sujeito totalmente como ele é, e buscar mantê-lo nesse espaço, respeitando sua característica original, adotando o olhar solidário e acolhedor, reconhecendo os educandos provenientes do campo como a qualquer outro sujeito de valor.

Pensa-se que o bom educador busca dar condições para os educandos dialogar em aula, sobre seu local de vivência e experiências tidas, dando segurança ao estudante compartilhar seus saberes, sem receio de errar, sem sentir-se inferior, aos demais alunos que compartilham o mesmo espaço institucional. É dar assistência para desfrutar de informações ricas, num ambiente acolhedor, onde o educando possa expressar-se com liberdade, sem dar

lado ao sentimento medo, ou ver-se como atrasado em relação aos outros que devido a alguma condição externa tenham melhores condições de vida.

Toda compreensão dos conteúdos torna-se mais fácil e viável quando existe o vínculo de proximidade entre docente e discente, seja na escola ou na universidade o aluno aprende melhor a partir daquilo que também ensina e expõe como diferente. Se em nossos lares a influência dos conselhos e aprendizados proporcionados durante a vida pelos nossos familiares, nas instituições de ensino temos forte a influência do educador, por convivemos longas horas aprendendo e cooperando na construção do conhecimento, que nos constituem seres únicos.

Nas instituições de ensino encontramos educadores atenciosos, colaboradores, sensíveis, severos, apáticos e essas entre outras características definem os mediadores, sendo atribuída uma imagem positiva ou negativa, que de certa forma marca a vida e o processo de ensino e aprendizagem do aluno. Portal da Educação (sem, p. 2018) “existem vários tipos de professores que fazem usos de métodos de ensino diferentes, mas todos têm algo em comum, marcam a vida de seus alunos seja de forma positiva ou negativa”.

Na maioria das vezes quando o docente é severo demais em aula, passa a ser caracterizado, como sujeito “chato (a)” pelos alunos, e essa atitude acaba favorecendo o medo e a não expressão em aula, tornando um momento inquestionável e de reprodução.

Por outro lado, o professor considerado “bonzinho” pode também influenciar de forma negativa os alunos, permitindo que os mesmos extrapolem as aulas e o aprendizado seja prejudicado. É certo que como docentes devemos ter certo equilíbrio, para não ser “amargo ou melado” em excesso na formação do aluno, devemos ser mediadores com equilíbrio e olhar atento a tudo e todos.

O ato de vigiar a influência exercida em aula, não se faz sozinha, ela traz outros elementos que devem ser considerados e trabalhados pelo docente, exigindo de si esforço e dedicação. Estar alerta e em constante especialização, pois a falta de atualização de docentes afeta diretamente seu modo de conduzir o processo de ensino aprendizagem, sendo imitado ou refletido no estudante.

É notável a falta de ações públicas estaduais, governamentais de incentivo à cultura e à educação significativa aos povos trabalhadores, pensando seu espaço de vivência, colabora no crescimento das desigualdades. Enquanto esses órgãos não se alinham em benefício da população, ocorre o levante do povo reprimido, excluído na luta para manter viva sua história, seus direitos, seus saberes, sua tradição e suas utopias, sua identidade cultural.

A ação educativa nas instituições de ensino seria favorecer o conhecimento entre os diversos sujeitos, por diálogo, confirmando a identidade, sua cultura, dando espaço para o compartilhamento mútuo de experiências e agregar novos saberes aos sujeitos. Esses elementos intrínsecos a vida dos estudantes devem ser inseridos por meio da mediação progressista, que pensa o sujeito e seu espaço.

Ao pensar o sujeito e suas relações com o universo, não nos cabe mais atuar promovendo o práticas bastante tradicional de ensino nas áreas das Ciências da Natureza, ou áreas afins, mais somos orientados a atuar numa abordagem interdisciplinar, formando sujeitos críticos e participativos em aulas e na sociedade.

Esta é uma tarefa nada fácil aos profissionais da educação que buscam inovar em aula, trazendo um novo método de ensino a ser construído, exigindo muita disposição e ruptura dos moldes cultivados durante a sua formação que seguia a risca o modelo tradicional.

A atualização e a utilização de novas metodologias abraçadas pelos docentes torna possível o projeto educativo trabalhar as temáticas campesinas nos conteúdos da área das Ciências da Natureza, pois a sociedade atual necessita que “o conhecimento sobre como a natureza se comporta e a vida se processa contribui para o aluno se posicionar com fundamentos acerca de questões bastante polêmicas e orientar suas ações de forma mais consciente”. (ZÔMPERO, 2009, p.59).

Ao assumir a proposta interdisciplinar integramos a tecnologia, a vivência e experiências dos estudantes, a valorização do campo, dos trabalhadores que a ele pertencem, reconhecendo o campo e o sujeito como espaço que vive manifestando cultura, e onde se produz vida.

Agindo nessa perspectiva o docente atua com certa sensibilidade e flexibilidade frente às ações pedagógicas, deslumbrando o saber tido com o conteúdo aplicado, reconhecendo que existe um conjunto de pessoas que aprendem de diferentes maneiras, composta por uma diversidade que torna a universidade caracterizada de povo. Assim é possível a construção do diálogo entre o conhecimento empírico conceituado pelo conhecimento científico, ao qual busca explicar os fenômenos do mundo, procurando respostas à existência do ser humano.

A partir disso desenvolve-se a reflexão do exercício docente. Num movimento transitório que cria estratégias de ensino/aprendizagem, para que o conhecimento não estagne, mas amplie a visão de mundo, e melhore a qualidade de vida dos sujeitos.

Dessa maneira, se torna possível manter viva na sociedade as manifestações culturais e suas raízes que identificam um povo e suas origens, vinculadas às Ciências da Natureza,

trabalhada nas escolas rurais e urbanas, nas universidades, na comunidade, com abertura para a participação de familiares ao chamamento de organização.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA – LICENCIATURA.

A implantação do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, *Campus Erechim*, constituiu-se do processo de luta e resistência dos povos pobres, para que se consolide uma Universidade de caráter público e popular.

O curso é estruturado pensando no estudante, por meio da modalidade presencial que contempla o regime de alternância, que permite ao mesmo desfrutar do tempo escola e do tempo comunidade, como meios que auxiliam na construção de seu conhecimento. Em sua totalidade é composto de 3.390 horas (226 créditos), que se dá em quatro anos, ou seja, oito semestres. Nesse espaço de tempo os alunos têm relação com diversos profissionais e disciplinas embasando a área de Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química), desenvolvendo e participando de Seminários Integradores das Práticas Pedagógicas desde a 1ª fase até a 8ª.

Nesse evento se compartilha com as demais turmas os conhecimentos construídos durante cada semestre do curso. Nesses seminários soma-se a teoria com a participação da prática de estágio e outras temáticas envolvidas no curso, e conta ainda com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), permitindo a interação completa desses profissionais ao trabalho educativo.

Essa foi uma forma de beneficiar os povos camponeses, por meio de um currículo específico e metodologias criadas para priorizar a agricultura familiar acessível aos povos e trabalhadores como camponeses, negros, indígenas, ribeirinhos de diversas etnias na inserção ao ensino superior e a permanência no mesmo.

O curso visa estabelecer o acesso ao ensino superior aos alunos excluídos do campo e da cidade, fundamentado no Edital PRONACAMPO/2012, onde o curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura visa formar docentes preparados para atuar em escolas do campo ou cidade, sabendo que no ingresso “a prioridade é para aqueles professores que estão em efetivo exercício nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio das redes de ensino” (PPC, 2013. p. 6).

Foi através de movimento e lutas que deu o direito aos diferentes povos e culturas de estar usufruindo atualmente o espaço universitário, registro nunca antes tido na história do sujeito de classe baixa. As reivindicações dos povos trabalhadores ganhou força e dando

espaço ao desfrute da educação de qualidade, e do acesso democrático à Universidade, onde usufruímos deste espaço formativo.

Junto aos processos de luta temos os trabalhadores e trabalhadoras da Agricultura Familiar (FETRAF- SUL) e a integração da Via Campesina. A Universidade Federal é construída, e neste ambiente os profissionais da educação visam trabalhar uma nova proposta de ensino, voltados a atender a demanda do povo trabalhador presente na universidade, rompendo com a exclusão e desigualdade de direitos que muitas instituições pagas aderem impedindo que esses sujeitos possam fazer parte da mesma.

O que vemos é a contradição e a quebra de paradigmas que visam desmistificar os rótulos criados ao longo da história, que alimentou o pensar ingênuo, disseminando entre os sujeitos que o povo do campo cabe só o trabalho braçal e não necessitam de educação, criticidade e reflexões. Em busca de contrapor-se a essa visão elitista, cresce a necessidade deste espaço público, a “construção de uma universidade pública e popular”, conforme aponta PPC (2013, p. 10).

O curso traz em seu ensejo à sustentabilidade, o enriquecimento cultural, a diversidade de público presente e amparado pelo espaço universitário, contrapondo-se as outras instituições de ensino que não atendem a agricultura familiar e camponesa, não olha esses cidadãos com respeito, como colaboradores e parte do todo.

É trazida em pauta a presença de vida que esses sujeitos carregam consigo, somados pela vivência e relações com os outros espaços, sujeitos e objetos. Nesse viés a educação assume o caráter transformador da realidade, reorganizando a fragmentação vivida nos demais espaços educacionais, como forma de recompor e reconhecer os sujeitos diminuindo a desigualdade social e educacional. No ensejo de propor uma universidade caracterizada pela diversidade de sujeitos.

(...) uma Universidade Pública e Popular, com excelência na qualidade de ensino, pesquisa e extensão, para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos na identificação, compreensão, reconstrução e produção de conhecimento para a promoção do desenvolvimento sustentável e solidário da Região Sul do País, tendo na agricultura familiar e camponesa um setor estruturador e dinamizador do processo de desenvolvimento (UFFS, 2008, p. 9 *apud* PPC, 2013, p. 10).

Na Universidade Federal Fronteira Sul *Campus* de Erechim-RS, dispomos de uma formação que aproxima os saberes do sujeito com os conteúdos científicos, dando acesso a diversidade de sujeitos que vivem do e no campo.

Os protagonistas do processo de criação da Educação do campo são os “movimentos sociais camponeses em estado de luta”, com destaque aos movimentos sociais de luta pela

reforma agrária e particularmente o MST, conforme destaca Caldart (2009. p. 40). Ela ainda traz que a “Educação do Campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo” (p. 39).

Essa crítica constituiu os movimentos sociais por meio de lutas pelo direito a educação, integradas a luta pela terra, trabalho, igualdade social, almejando a tão desejosa qualidade de vida aos seres humanos, em seu local de pertença. O Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura traz vínculo com os processos de lutas, dando espaço a crítica que apresenta a denúncia das contradições vividas pelo povo trabalhador.

A Educação direciona transformações do sujeito nas instituições de ensino, pois conta com a participação dos sujeitos pobres do campo para sua construção, estabelecendo um vínculo entre campo, educação e trabalhadores.

Na sua origem, o ‘do’ da Educação do campo tem a ver com esse protagonismo: não é ‘para’ e nem mesmo ‘com’: é dos trabalhadores, educação do campo, dos camponeses, pedagogia do oprimido... Um ‘do’ que não é dado, mas que precisa ser construído pelo processo de formação dos sujeitos coletivos, sujeitos que lutam para tomar parte da dinâmica social, para se constituir como sujeitos políticos, capazes de influir na agenda política da sociedade.(CALDART, 2009. p. 41).

É necessário pensar a escola, objetivando a democratização do conhecimento, de modo à mesma que promova o acesso a classe trabalhadora na produção de conhecimento, “superando a visão hierarquizada do conhecimento própria da modernidade capitalista” Caldart (2009, p. 44). A crítica que originou a Educação do Campo, em nenhum momento defendeu um tipo específico de escola para os trabalhadores do campo. Mas essa crítica se constituía que

a escola deve estar em todos os lugares, em todos os tempos da vida, para todas as pessoas. O campo é um lugar, seus trabalhadores também têm direito de ter a escola em seu próprio lugar e a ser respeitados quando nela entram e não expulsos dela pelo que são... Como lugar de educação, a escola não pode trabalhar ‘em tese’: como instituição cuja forma e conteúdo valem em si mesmos, em qualquer tempo e lugar, com qualquer pessoa, desenvolvendo uma ‘educação’ a-histórica, despolitizada (ou falsamente despolitizada), asséptica.(CALDART, 2009.p .46)

Se a escola insere seus sujeitos cuidando para manter a construção coletiva de ideias, vinculada às questões da realidade concreta dos sujeitos da vida real, ela deixará de seguir modelos de ensino padronizados, exercendo sua função político social útil a vida e ao trabalho dos sujeitos do campo. De modo que construa nesse espaço o currículo que contemple

diferentes dimensões formativas, que profira o trabalho pedagógico na dimensão do conhecimento científico e tecnológico, com práticas de trabalho, cultura e luta social.

Um espaço dotado de intencionalidades, nas quais o estudante é o centro do processo de ensino e aprendizagem, relacionando significados aos conceitos científicos estudados, vindo a compreender as Ciências, suas ações e intervir no mundo de forma crítica.

Se constituindo um ser ativo no processo educacional, capaz de expressar-se, refletir, agir, reorganizar seus conhecimentos em respeito e diálogo com as demais culturas presentes, numa perspectiva freireana de liberdade frente as suas ações, e autonomia nas decisões.

O objetivo do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim, busca formar educadores (as) que abordem uma práxis interdisciplinar relacionando os saberes científicos, tecnológicos, com os saberes possuídos pelos estudantes, em sua experiência de vida.

Isso pode ser ampliado no espaço universitário por meios metodológicos diversificados, tendo a dialética, a problematização, a relação teoria-prática, a contextualização, a cultura, a interdisciplinaridade, a agroecologia, experimentos, oficinas, visitas a outros espaços não formais, enfatizando a transformação social.

Esses pressupostos são desafios que buscam ser superados, com a inserção de métodos mais eficazes que integrem os sujeitos em sua formação profissional, construindo-se seres capazes e capacitados a desenvolver a prática educacional, no campo ou na cidade.

O Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura visa habilitar docentes capazes de trabalhar nos anos finais do ensino fundamental e médio, direcionando a educação pensada e voltada às escolas de educação básica do campo. Para que possa trazer em voga a importância da educação e formação docente voltada ao campo; de modo a trabalhar os conteúdos dentro de uma abordagem interdisciplinar; relacionando cultura as Ciências e tecnologias, com a agroecologia. Essa nova proposta de ensino aprendizagem valoriza a bagagem de conhecimento já experienciado por cada indivíduo, os ressignificando por meio de conhecimentos científicos que serão estudados em aula através do conteúdo.

Sendo assim, o campo se constitui um espaço onde são desenvolvidas diferentes formas de vida, de produção, que abrange desde a agricultura familiar, a produção de cultura e produção de alimentos saudáveis. O camponês cultiva e respeita a terra, suas produções são voltadas para a sustentabilidade e para a produção agroecológica, Costa, (2012, p. 116) defende que “a Agricultura camponesa é o modo de fazer agricultura e de viver das famílias

que, tendo acesso a terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos por meio da produção rural [...]”.

O trabalho é essencial à vida, não podendo ser pensado separado do conhecimento, tampouco da Ciência, que expressa conceitos das “relações determinadas e aprendidas da realidade” (p. 152) vivida, são um acumulado de experiências e saberes que o sujeito cria para suprir suas necessidades e condições materiais de vida.

Haddad nos direciona a pensar que o conhecimento provém de uma educação de direito em favor do trabalho, da cidadania e da democracia, e se é de direito “deve ser garantido a todos os seres humanos, independente de qualquer condição pessoal”. (2012, p. 215).

Nos tempos passados em vez de dar condições dos povos formarem conhecimento, foi observado à segregação dos povos do campo, considerados e rotulados como sujeitos incapazes de produzir conhecimento, fazendo com que muitos sujeitos migrassem do campo para a cidade, para obter valor como pessoa.

O resultado da migração foi desastroso, pobreza, miséria, doenças, desigualdade e outros fatores se intensificam nas cidades, obtendo tanto no campo como na cidade resultados impróprios alimentados pelo ensino classificatório, pelo pensar dogmático, os trabalhadores, negros, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, sentem-se segregados e desvinculados da sociedade.

Com a criação da Universidade Federal e do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, uma nova esperança nasce, dando direito ao acesso a educação, a formação de todos os sujeitos mencionados acima. Arroyo (2011, p. 233) salienta que a Educação do Campo seria uma forma de ação firmada na “correção da histórica desigualdade sofrida pelas populações do campo em relação ao seu acesso à educação básica e superior”.

Na proposta do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura enfatiza-se o combate à exclusão sofrida e prima-se pelo respeito à diversidade, por meio da educação que contempla a realidade do trabalhador do campo. Caldart (2008, p. 257) reforça o respeito do “trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses [...] nas concepções de política pública, de educação e de formação humana”.

Essa educação vai ao resgate dos saberes do sujeito, de suas memórias, trabalhando todas as dimensões, mediadas por uma práxis interdisciplinar que na sua estrutura dinâmica

atende o desenvolvimento do estudante, estabelecendo relação com a totalidade, no sentido crítico, aberto, discursivo contribuindo para a construção correta dos conceitos.

A ação pedagógica por meio da interdisciplinaridade caminha para dar espaço à ativa participação social do aluno na sociedade, construindo uma ligação entre a universidade, escola, sociedade, meio ambiente, primando pelo acesso e utilização das tecnologias. Vista como uma ação inovadora, que amplia o conhecimento dos sujeitos.

A tecnologia, as Ciências mudaram a forma de pensar e nos relacionarmos com o mundo, alterando espaços, paisagens, influenciando as relações humanas, transformando os espaços, o sujeito também é modificado.

A Ciência é ampla, ela permite a nós compreendermos fenômenos, elementos e seus conceitos, gerando transformações em nosso pensar, por isso o ensino das Ciências nas instituições de ensino não pode assumir um caráter dogmático, mas questionador, desenvolvendo habilidades, curiosidade e a pesquisa.

Hamburguer; Lima, (1988, p. 8) afirmam que “a ciência está no cotidiano das crianças, de qualquer classe social, porque está na cultura, na tecnologia, no modo de pensar”. A tecnologia relacionada à ciência muito contribui aos seres humanos, por outro lado deixa profundas marcas e sinais de destruição, como no caso dos produtos convencionais utilizados na produção ou práticas de manejo.

Para Gliessman (2005, p. 47), o formato de agricultura convencional já levou a “perda da diversidade genética” em virtude da produção de processo acelerado e curto, empobrecendo a diversidade de cultura de sementes, espécies diversas, tanto de animais como de vegetais, induzindo a extinção e ao surgimento de doenças e danos irreversíveis a saúde humana.

Todos esses fatores requerem uma nova ação humana, adotando uma postura que permite o respeito à terra, a agricultura, aos sujeitos e à produtividade, visando a produção alternativa e sustentável de alimentos, em valorização aos saberes dos agricultores, indígenas, associados aos conceitos científicos concebidos no processo de ensino aprendizagem.

Sendo assim, a agroecologia é uma forma de produção de alimentos que são produzidos pelo sujeito, sem uso de produtos convencionais, primando pela saúde e preservação do planeta. A agroecologia pode ser considerada um agente que promova “mudanças sociais e ecológicas complexas [...] a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável” (GLIESSMAN, 2005, p. 56).

2.2 EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESENCADEANDO O MOVIMENTO EDUCATIVO

Em geral os seres humanos estão sobrecarregados de tarefas diárias, cegados pela inversão de valores e pensamentos vagos, que lhes é imposto pelo sistema capitalista ao qual estão condicionados a não reflexão e participação nas decisões. Os autores Kolling, Nery, Molina enfatizam que “há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades de considerar a maioria da população que vive no campo como a parte atrasada e fora de lugar no almejado projeto de modernidade”. (KOLLING, NERY, MOLINA, 2011, p. 21).

Essa condição de passividade dos sujeitos na sociedade sucumbe o direito de autonomia na tomada de decisões por si, e para si. Vivemos num mundo onde poucos pensam e tomam decisões, enquanto a maioria acata sem qualquer questionamento, fato este ocorrido, devido à falta de conhecimento ligada à formação incompleta do sujeito, desencadeado da educação má direcionada. Gadotti (2000, p. 97) nos adverte que “é ilusório querer educar homens livres para uma sociedade dominada pelas desigualdades. Não posso ser livre sozinho. É preciso formar homens capazes de perseguir o ideal de uma sociedade cada vez, mas humana”.

A liberdade defendida por Gadotti e por Freire nos faz refletir a importância que a educação exerce em nossas vidas, com o papel social de formar sujeitos livres e conscientes de seus direitos. Aquela fase de subordinação fazendo enxergarmos por “outros óculos”, os que não são seus, como diz Chassot (2017, p. 41) está sendo mudado, com as novas concepções que a educação está oferecendo aos estudantes.

É preciso estar atento, pois milhares de mazelas são criadas e passadas diariamente por meio de informações da mídia, direcionando os sujeitos a pensar e fazer conforme planejado por alguns. Esses meios são utilizados para absorver a concentração dos sujeitos, os tornando impotentes, tudo isso aliado ao ensino escolar tradicionalista que orienta a reprodução de conteúdos descontextualizados, a fim de formar mão de obra barata, para o mercado de trabalho.

É preciso ter o cuidado para não tornar a escola um aparelho de reprodução, como se refere Saviani (1985, p. 31) “a escola contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa”. Referindo-se ao ensino tradicional e tecnicista Silva, Azevedo e Santos (1996, p. 149) discorrem que “[...] os conceitos de formação, qualificação ou de competência vem subordinados à lógica restrita de produção”.

Toda esta estruturação tem uma intencionalidade, gerar mão de obra barata, sujeitos domesticados, individualistas, consumidores compulsivos e competidores entre si, sem discutir ou perceber sua real condição, a qual está subordinada. Quer dizer que estão envolvidos na enganosa sensação de bem-estar, o autor Hosbsbawm (*apud* Silva, Azevedo e Santos, 1996, p. 161) nos faz refletir “[...] que em primeiro lugar vêm às pessoas e não a produção. As pessoas não podem ser sacrificadas”, citado por Silva, Azevedo e Santos, (1996, p. 161).

Esta lógica desumana que aborta sonhos e o direito do cidadão constituir-se um ser completo e livre, precisa ser rompida através da ação do mediador, que cumpre papel social ao mesmo tempo em que a educação da base a este trabalho transformador.

A educação deveria fornecer ao homem os meios para a discussão corajosa de sua problemática e de sua inserção nesta problemática. Deveria adverti-lo dos perigos de seu tempo para que, conhecendo-os, ele pudesse reunir a força e a coragem de lutar em vez de ser levado a perder, apesar de tudo, seu Eu, submetido às vontades do outro. A educação deveria colocá-lo em diálogo constante com o outro predispô-lo a constantes revisões, à análise crítica de seus conhecimentos, à certa revolta, no sentido mais humano do termo. (GADOTTI, 2000, p. 95).

A educação é o caminho para que o conhecimento aconteça, é por meio dela que se discute e as práticas humanas, as questões do mundo, dando rumo e significado à vida do ser humano. Ela é produto da sociedade, e deve ser um processo continuado, assumindo compromisso na formação plena dos sujeitos, contribuindo para que assumam sua identidade própria, em respeito ao meio ambiente e na valorização da cultura camponesa.

O caminho para superar o ensino dogmático não apenas nas escolas do campo, mais em todas as instituições de ensino, ganha respaldo quando é introduzido a interdisciplinaridade nas aulas.

Nessa perspectiva que a Ciência vem contribuir aos seres humanos por estar tão presente no dia a dia, seu estudo e pesquisa fornece respostas para que possamos compreender o mundo e seus fenômenos, intervindo na natureza a modificando e sendo modificado por essas intervenções. Como mostra Freitas (2012, p. 38) “pela atividade prática os homens se relacionam com a natureza, aprendendo e compreendendo as circunstâncias sob as quais vivem modificando-as e sendo também modificadas por elas”.

A Ciência vem atribuir sentido as ações do sujeito em seu espaço de vivência, lugar que permite formar habilidades e consciência, sendo produtor de vida, cultura e trabalho, nisso podemos verificar que:

Nenhum indivíduo nenhum povo, nenhum momento histórico vive e sobrevive sem um conjunto de valores que significam a sua forma de existência e sua ação. Não há como viver sem se perguntar pelo seu sentido; assim como não há como praticar qualquer ação, sem que se tenha que perguntar pelo seu sentido próprio, pela sua finalidade. (LUCKESI, 2000, p. 87).

Por meio dessa colocação refletimos que o sujeito tem a necessidade natural de encontrar respostas do mundo em relação a sua existência, e essas respostas encontram fundamento quando respondidas pelo estudo das Ciências sob a mediação docente.

A produção do conhecimento ocorre de ações e contatos diários, produzindo conhecimento e novas experiências, que podem ou não ser compartilhado com outros sujeitos, ao nos relacionar com o meio e com o outro, notamos a importância de agir e pensar certo, como aponta Freire (2011, p. 38) “pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos”.

Essa relação direta do manuseio e observação da terra, na produção de alimentos feita da agricultura familiar, permite identificar várias etapas de desenvolvimento e experimentos que tornam o sujeito conhecedor empiricamente, sobre tal acontecimento. Na finalidade de entender suas ações e o mundo que o cerca se dá a importância do conceito científico construindo junto ao povo do campo à metodologia apropriada e específica ao seu local.

Tendo a decência de auxiliar o sujeito a se apropriar do conhecimento correto, que lhe oriente em suas decisões, na criação de estratégias e métodos alternativos, possibilitando confrontar ideias, lidar com as problemáticas existentes, fortalecer sua habilidade e autonomia inerente ao processo formativo. Segundo Benjamin e Caldart (2000, p. 85) “uma escola em movimento é aquela que vai fazendo e refazendo as ações educativas”, que lhes permitem partilhar experiências essenciais para a formação de docentes e dos estudantes.

Precisamos aprender a potencializar os elementos presentes nas diversas experiências, e transforma-los em um movimento consciente de construção das escolas do campo como escolas que ajudem neste processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história. (BENJAMIN, CALDART, 2000, p. 43).

Apesar de toda contradição e rejeição que o campo sofreu, a luta permanece, o povo resiste e mostra que está vivo, trazendo em sua composição uma diversidade cultural excluída, que exige políticas públicas e recursos para a ampliação ao acesso à Educação no e do Campo. Conforme Benjamin, Caldart, (2000, p. 67) “*Porque não há escolas do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto futuro*”.

Contudo, é importante ressaltar que a partir das lutas sociais originaram todo o movimento educacional que nos permite cursar atualmente o Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza - Licenciatura em Erechim, nos conduzindo a conquista e desfrute do direito ao espaço universitário. Fato este, registrado como um marco na vida dos povos excluídos, reduzidos a analfabetos, atrasados, jeca tatu e outras denominações agressivas.

Toda essa discriminação aos povos trabalhadores é resultado de um tipo de educação que dá ênfase na formação e preparação da mão de obra digamos que amplia o rendimento financeiro da minoria pela exploração massificada, podemos identificar na expressão dos autores Kolling, Nery, Molina (2011, p. 8) “a imagem deformada [...] do povo do campo está inserida na falta de um projeto de desenvolvimento que atenda aos seus reais interesses”.

A construção da Universidade Federal Fronteira Sul em Erechim, além de ser uma grande conquista dos movimentos sociais, traz consigo o caráter popular e democrático, englobando um espaço ricamente pluralizado por uma diversidade de sujeitos, que buscam a sua formação integral.

Nesse processo formativo, são trazidos traços históricos exclusivos de cada sujeito, portando em si a essência única e o anseio pela mudança da nossa sociedade, numa transformação orientada por Freire (1997) que “liberte” o sujeito.

A formação docente nas áreas das Ciências da Natureza propõe manter escolas no campo com acesso à educação voltado ao campo, que fortaleça a cultura do povo trabalhador e a sua permanência neste local, priorizando os sujeitos por meio de um projeto político-pedagógico que desenvolva uma nova pedagogia.

A educação do campo tem um compromisso com a vida, com a luta e com o movimento social que está buscando construir um país onde possamos viver com dignidade. A escola, ao assumir a caminhada dos povos do campo, ajuda a interpretar os processos educativos que acontecem fora dela para a (...) transformação da sociedade. (KOLLING, NERY, MOLINA, 1999, p. 92).

Entretanto a educação do campo é própria para educandos que querem permanecer no campo ou que possam contribuir para o desenvolvimento do mesmo, projetando um ensino de qualidade em valorização e cuidado com a natureza. Pois é nela que os trabalhadores exercem sua sobrevivência, numa relação harmoniosa de trocas. Orientar os camponeses através da Educação Básica do Campo no ato de formação docente inspira os educandos a assumirem o papel de protagonistas de sua formação profissional e pessoal.

Segundo Berino (2013, p. 16) “A escola, como espaço de socialização e formação e formação cognitiva e subjetiva, tem papel importante na busca da conscientização e da mudança das estruturas sociais”. Nessa afirmação cresce a possibilidade de uma formação humana e democrática, isso, implica na transformação da escola, da ação pedagógica, dos conteúdos, com a participação dos familiares e comunidade, trazendo a possibilidade de avanços sociais necessários para a democratização do ensino benéfico.

De modo que possa estimular os valores culturais, articulando aos conteúdos trabalhados pela ação pedagógica do enfoque a emancipação humana, norteado pelas necessidades dos trabalhadores.

(...) o papel da escola é o de uma instituição socialmente responsável não só pela democratização de acesso aos conteúdos culturais historicamente construídos, mas também, o de corresponsável pelo desenvolvimento individual de seus membros (em todos os seus aspectos), objetivando sua inserção como cidadãos autônomos e conscientes em uma sociedade plural e democrática. (ARAUJO, 1998, p. 44).

Temos a convicção que existem muitos desafios e potencialidades para ser evidenciado, mais, o importante é que os primeiros passos já estão dados, agora nos cabe perseverar e valorizar aquilo que outros sujeitos conquistaram para nós usufruir, e lutemos a fim de que este direito permaneça às futuras gerações vindouras. Portanto é válido dizer que a luta pela democratização continua, agora com a participação de mentes aptas a ajudar outras mentes livres a serem formadas, e se engajar ao processo de luta.

2.3 CONSTRUINDO DOCENTES PELO ENSINO DE CIÊNCIAS NA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Para sobreviver o sujeito necessita se relacionar com outros sujeitos, com a natureza, retirando dela o que supre suas necessidades, isso, ocorre desde os tempos mais remotos, onde sujeitos extraíam alimentos, ervas e plantas da natureza para garantir sua sobrevivência.

Hoje ainda utilizamos o conhecimento produzido pelos nossos antepassados, herdamos traços da cultura e aplicamos aquilo que foi nos ensinado e repassado por gerações anteriores, mantendo viva um pouco da história dos sujeitos do campo. Mas o processo de modernidade desencadeador da migração fez com que os sujeitos do campo adquirissem uma vivência mais mecânica e menos prazerosa, mudando seus hábitos de costumes, a forma de produção de vida e da alimentação. Esse artifício favoreceu a inversão de valores, dando espaço ao esquecimento e o desprezo à cultura popular.

Já vimos na descrição do presente trabalho que a educação sempre foi mantida desvinculada da realidade dos sujeitos, contribuindo para a inversão de valores, recebendo o ensino mastigado e transmitido, ostentando a verdade única e inquestionável. Muitos docentes foram formados dentro dessa visão autoritária, seguindo o modelo tradicional de ensino que preza a memorização, portando-se como o detentor do saber, e o estudante nada tem a contribuir.

Essa atitude desumana pode ser desarmada por meio do conhecimento que torna homens e mulheres livres, conscientes de si e do mundo. A “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire nos traz em suas reflexões segundo Benjamin, Caldart (2000, p. 63) “a escola não transforma a realidade, mas pode ajudar a transformar os sujeitos capazes de fazer a transformação, da sociedade, do mundo de si mesmo [...]”. Por ser libertadora que não vem sendo trabalhada coerentemente, pois assim os sujeitos podem libertar-se das amarras que os limitam de evoluir.

Em decorrência desse e outros aspectos que a formação de docentes no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura esta voltada a atender a diversidade de sujeitos na universidade, por meio da Educação do e no Campo, buscando o resgate da identidade cultural. Local que assume a prática pedagógica pensada nos educandos, suas vivências e experiências, partindo da realidade para a construção do conhecimento científico, sem perder a interação com seu espaço cultural.

Nesse sentido o processo de formação insere o potencial de seus povos e seus valores, conforme destaca Benjamin, Caldart (2000, p. 35) dizem que “o maior patrimônio de um país é seu próprio povo, e o maior patrimônio de um povo é sua cultura”. Nisso consiste que por décadas o senso comum orientou e orienta os sujeitos, não tendo a oportunidade de um conhecimento científico mais esclarecedor de verdades. Atualmente na universidade o sujeito a tem acesso ao conhecimento científico e tecnológico e ganha cada vez mais espaço na sociedade atual, carecendo de um sistema de ensino que conecte o total do ser humano e possa orientá-lo a compreender o mundo, e como utilizá-los em seu benefício, com a função específica do docente atribuir significado ao conhecimento.

A valorização do conhecimento científico e tecnológico não descarta nem retira a importância do conhecimento empírico, pois, o mesmo foi gerado por práticas de sujeitos no dia a dia, que deram certo, e foram empregados e repassados a outros sujeitos, como herança cultural.

Considerando os diferentes saberes que Benjamin, Caldart (2000, p. 47) enfatizam que “é a escola que deve ajustar-se, em sua forma e conteúdo, aos sujeitos que dela necessitam; é a escola que deve ir ao encontro dos educandos”.

A ação docente mediará os saberes trazidos pelos educandos de suas comunidades, como, exemplo; a produção de alimentos saudáveis. Esse exemplo nos permite olhar a comunidade do educando, suas práticas, mitos e a partir de diálogos e reflexões organizar pela Ciência o conceito científico.

A pesquisa científica é favorecida pelo conhecimento popular, fundamentando a pesquisa orientada por algo que o sujeito pesquisador tenha interesse em encontrar a resposta, seja de caráter problemático ou não. Desde que produza argumentações, reflexão e a ação, obtendo neste processo a validação ou negação da suposta resposta encontrada a partir das hipóteses e caminhos traçados pelo sujeito que aprende melhor o que busca compreender.

Para Chassot (2017, p. 45) “a Ciência pode ser considerada como uma linguagem construída pelos homens e pelas mulheres para explicar o nosso mundo natural” (p. 36). Ainda Chassot (2017) nos traz a seguinte reflexão “a Ciência não tem a verdade, mas aceita algumas verdades transitórias”. Cabendo assim, ao docente esclarecer aos educandos que a Ciência não é estática e produz conhecimento.

A Ciência é uma construção humana coletiva que sofre a influência do contexto histórico, social, cultural e econômico no qual esta inserida. (...) ensinar Ciências é proporcionar aos alunos situações de aprendizagem nas quais eles poderão construir conhecimentos sobre diversos fenômenos naturais. (GUIMARÃES 2010, p. 120).

Andery (1996, p. 15) pressupõe que “o método científico transformam-se no decorrer da historia”, nos direcionando a perceber que as Ciências não contém a verdade absoluta, mais assume um caráter transitório, comparada a um “*Golem*” segundo Coliins, Pinch citado por Chassot (2017) como “um bobão que não sabe a força que tem”. Nesse aspecto consideramos que a Ciência traz especialidades próprias, a qual colaborou ao avançado de qualidade de vida aos sujeitos, ao mesmo tempo em que provoca a degradação ambiental, pelo uso errado dos recursos.

O uso da Ciência esta empregada ao nosso dia a dia, e isso precisa ser compreendido pela prática pedagógica, que planejará novas metodologias de ensino, capazes de orientar e conduzir os educandos na construção de conhecimento. Sendo estimulada a pesquisa pela curiosidade do sujeito, descartando de sua ação o método tradicional que condiciona o pensar.

Este processo não é somente introduzido em escolas, mas nas universidades vem sendo inserido como no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, onde docentes buscam direcionar questionamentos e reflexões aos estudantes, instigando-os à participação coletiva, na contribuição da atividade intencionalmente, que produza novos conhecimentos em diálogo com as comunidades. Embasada numa práxis que corresponda aos interesses do sujeito, envolve a mediação interdisciplinar na área de Ciências, o sujeito aprende a se construir pela colaboração do outro.

A ação humana não é apenas biologicamente determinada, mais se da principalmente pela incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e transmitidos de geração em geração; a transmissão dessas experiências e conhecimentos – por meio da educação e da cultura – permite que a nova geração não volte ao ponto de partida da que a precedeu. (ANDERY, 1996, p. 10).

Por isso a importância de conhecer onde os estudantes e a escola estão inseridos, para atuar garantindo uma práxis de aproximação dos conteúdos científicos com o conhecimento popular. O conhecimento nos tira a visão ingênua, esclarecendo o conhecimento popular, pelo método científico, nos aproximando do pensar certo.

Para Freire (2011, p. 38) “pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos”, por meio do contato se ensina e se aprende numa relação de partilha. Como uma prática social, a ação docente, se abre ao saberes e movimentos de mistura das etnias, conhecimentos diversos, assumindo uma postura de cuidado e respeito com todos os sujeitos, sem reforçar a desigualdade.

A carreira como docente não é algo pronto ou definido, mas um movimento em busca de novos conhecimentos que o formará, que implica em intervir com clareza ao partilhar informações pela ação pedagógica, resultando na satisfação ou insatisfação dos estudantes.

Nesse sentido, a ação docente é definida por Pimenta (2004, p. 11) como uma “Prática social, ou seja, como tantas é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino”.

O modelo tradicional de reprodução de ensino ainda é uma barreira a ser superada nas instituições de ensino, a fim de que aprendizagem significativa ocorra. Investir tempo a atualizações é criar possibilidades para mudar sua estratégia de ensino, conforme a necessidade dos educandos em favor da sociedade.

Nota-se no curso uma perspectiva interdisciplinar, propondo o trabalho de pesquisa nas comunidades levando em conta conceitos oriundos do saber popular, especificamente dos povos camponeses, conceituados pelo conhecimento científico.

A universidade abre espaço na promoção de integrar os saberes populares em articulação ao científico, vivendo o resgate de cultura em diálogo com as comunidades. Para Kolling, Nery, Molina (1999, p. 8) “[...] esta acontecendo um movimento social e cultural e também, junto a ele um movimento educativo renovador”, que proporcione aos estudantes sentir-se parte ativa no processo educacional. Numa estrutura sem barreiras que vai rompendo fronteiras, para que o povo continue a desfrutar de seu direito a cultura e a educação.

É desafiador aos novos docentes trabalhar nas escolas nesta nova perspectiva, cercado de outros profissionais que baseiam seus ensinamentos na forma comum e idealizada. Existe muita reflexão voltada ao novo jeito de construir a educação para os estudantes do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura. Comprometidos e mantendo olhar atento, docentes produzem melhoramento na condução das aulas estreitando o laço com seus estudantes, vinculando cultura, história, entres, perspectivas do povo trabalhador.

No objetivo de formar sujeitos críticos, desenvolvendo habilidades, potencialidades e autonomia, em outras palavras sabemos quão difícil é superar os desafios de um sistema educacional baseado em repetições, e promover um sistema baseado em experiências de vida.

A responsabilidade fundamental do educador não é apenas estar atento ao princípio geral de que as condições ambientais modelam a experiência presente, mas também reconhecer concretamente que as circunstâncias ambientais conduzem a experiências que levam ao crescimento, [...] o educador deve saber como utilizar as circunstâncias físicas e sociais existentes, delas extraindo tudo o que possa contribuir para a construção de experiências válidas. (DEWEY, 2011, p. 41).

Refletindo acerca da visão de Dewey, o docente é um profissional que proporciona novas experiências a seus estudantes, levando ao entendimento de todo conteúdo trabalhado em aula, ao estimular a busca pelo saber e auxiliar a superar as visões ingênuas.

A escola fornece o espaço, mas é por meio coletivo de educadores que mediam o processo formativo de cada sujeito, que ocorre o conhecimento, amparado pela práxis interdisciplinar que dá acesso à cultura de seus sujeitos.

Há uma grande perspectiva em relação à formação docente Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, e inúmeras discussões na

ampliação de projetos sociais que visam fortalecer o sujeito no campo e sua identidade cultural.

2.4 DIVERSIDADE CULTURAL, CIÊNCIA E O CENÁRIO EDUCATIVO.

Diante a todas as contradições tidas no processo educativo, o sujeito só tem uma ação libertária, a partir do entendimento da sua situação e da realidade que se encontra, obtendo a reflexão crítica de pensar e agir com maior ênfase da existência dos sujeitos. “Quanto mais consciente e livre for o ser humano, a partir da própria circunstância social e histórica em que vive, tanto mais coerente e sistemática será [...]”. (LUCKESY, 2000.p. 85).

A partir do conhecimento do pensar crítico, podemos compreender a realidade e atuar sobre ela, ajudando na resolução de problemáticas, ou em benefício a outros, amparados por uma prática educativa dentro da universidade ou na escola, objetivando a construção da democracia, pela ação pedagógica que transpassa os muros institucionais, alcançando a vida social.

A prática educativa deve ser entendida como um processo social, [...] visa mudar a conduta social, [...] elas contribuem para a edificação da humanidade no mundo e no homem, [...] englobar a construção da democracia, a partir da reconquista dos direitos cidadãos no âmbito da educação (SILVA, AZEVEDO e SANTOS, 1996, p. 220).

O papel docente se configura em assumir a postura flexível na construção do espírito crítico de seus estudantes de forma permanente. O docente criará estratégias, ligada a ferramentas que ajudarão a integrar o conhecimento popular, as experiências e o conhecimento científico as práticas pedagógicas.

De modo que promova uma atividade permanente de relações sociais, implica no desenvolvimento da tarefa formativa dos estudantes. Benjamin, Caldart (2000, p. 82) dizem que “a tarefa principal do coletivo de educadores é exatamente garantir o ambiente educativo da escola, envolvendo educandos e também a comunidade em sua construção”.

Num ensejo que englobe a capacidade de trabalhar a tecnologia, os conteúdos das Ciências de forma interdisciplinar, verificando as necessidades dos estudantes e os conceitos científicos claramente definidos, na compreensão que todo saber que o educando possui pode ser melhorado, permitindo novos argumentos e saberes.

Nascemos em uma sociedade, nascemos de alguma forma de comunidade e família, aprendemos na conversa, na convivência diária, na observação das gerações anteriores, nos afazeres compartilhados desde a socialização inicial, no trabalho e na produção social, nas escolas e experiências formais de educação (HERNAIZ, 2009, p. 131).

Vários são os espaços que o sujeito aprende, mas por meio do trabalho docente focado que o sujeito compreende sua existência. De perto o docente visualiza e acompanha avanços e dificuldades de seus estudantes, planejando sua ação, organizando um conjunto de métodos e recursos para desenvolver o saber, suas habilidades, autonomia de seu próprio pensamento.

O papel do professor não é passivo; ao contrário, o professor está explorando ativamente como construir experiências e adaptar as matérias a fim de conecta-las com os interesses e capacidades dos alunos. Adaptação mútua entre o aluno e a matéria a ser aprendida é o que permite que uma experiência seja educativa. (DEWEY, 2011, p. 131).

O pensar por si, usando outras fontes ou referenciais, faz ampliarmos a visão de mundo, buscando compreendê-lo e familiarizar com as outras pessoas, promovendo experiências e sentido. O docente tem muito a contribuir, assim, como os estudantes. Além disso, há outra função que cabe ao docente e muito significativa, é a capacidade de dialogar com a cultura promovendo uma educação aberta à diversidade, sem inconvenientes ou preconceitos. Mattos (*apud* Lopes 2006, p. 2) diz que é importante “[...] ensinar e aprender sobre e na diversidade, propor situação e aprendizagem que sejam desafiados e que tragam novos conhecimentos”.

Nossa identidade cultural também sofre pelas regras e transformações pela modernidade ocorrem um reforço ao copiar o modelo social de outros povos, não valorizando as diferentes culturas aqui existentes.

A estratégia de inculcar um saber dogmático, se iniciou pelo processo educacional em escolas públicas, que concentrava maior público. As escolas passam a ser um veículo de transmissão de conhecimento fragmentado, rígido. Todo esforço era voltado para manter o povo incapaz de pensar, de lutar por seus direitos, formando pessoas para o mercado de trabalho.

A deformação na formação das pessoas foi sendo intensificado, induzindo-as a um pensar que não é seu, se apropriando de uma cultura distante e desconsiderando suas raízes, seus valores. Essa negação de direitos, o fechamentos de escolas do campo, os diferentes preconceitos sofridos e atribuídos aos povos trabalhadores e tantos outros, tende a ser mudada

através da nova proposta educacional, na formação de docentes capazes de atuar na valorização do campo e seus sujeitos.

A Educação do campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade que deslegitima os protagonistas originários da Educação do campo como produtores de conhecimento e que resiste a construir referências próprias para a solução de problemas de uma outra lógica de produção e de trabalho que não seja a do trabalho produtivo para o capital. (CALDART, 2009. p.38).

Nisso definem Arroyo, Caldart e Molina (2004) citados por Prsybyciem, Santos e Sartori (2017, p. 954) que “[...] é essencial superar aquela visão tradicionalista e estereotipada de que os sujeitos que vivem no campo são atrasados, arcaicos e desqualificados em relação aos que vivem na realidade urbana”.

A formação de educadores na universidade para atuar nas escolas do campo em favor de seus sujeitos, vem contribuir para romper com essa visão incoerente do campo e seus sujeitos. No seio da universidade temos a possibilidade de acesso aos diferentes povos do campo ou da cidade como os negros, pardos, ribeirinhos, indígenas, caboclos, brancos. Se constituindo um momento histórico de integração dos diferentes povos, participarem do ambiente educacional gratuito, inserindo a cultura na sua formação.

A Universidade Federal Fronteira Sul- *Campus* Erechim dispõe do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura no objetivo de formar docentes para atuarem em escolas do campo e da cidade, nas áreas das Ciências de forma contextualizada.

A ação docente na formação dos docentes busca agregar conhecimento científico, por meio de novas metodologias de ensino colaborando com a interação da diversidade cultural, sem deixar de argumentar a luta, que nos torna participantes desta formação profissional.

Docentes buscam nos mostrar a direção para uma atuação significativa aos futuros educandos, tanto nas áreas rurais como urbanas, nos levando a responsabilidade de ser o diferencial, numa sociedade tão desumanizada. De modo que possibilite olhar o outro, trabalhar as especificidades locais, considerando a diversidade cultural existente e a sua singularidade.

As atividades conduzidas pelos docentes, desenvolvidas pelos estudantes na universidade ou comunidades que vivem, permitem englobar diferentes culturas e pensamentos, cheios de significado ao povo que o cultiva. Hernaiz (2009, p. 45) afirma que

“[...] a diversidade cultural das escolas está entendida como diversas concepções de mundo postas à prática pelos membros de grupos culturalmente diferenciados [...]”.

Todas as atividades desenvolvidas no espaço universitário se estabeleceram por meio do diálogo coletivo, respeitando às diferenças, na perspectiva de contribuir na formação docente. A teoria e a prática fortaleceram a articulação das disciplinas de biologia, química e física, ajudando a superar a dissociação dos conteúdos.

Contudo, ainda é notória a necessidade de criação de alternativas, recursos, estratégias, a serem desenvolvidas, para que se mantenha viva e presente a cultura na instituição. Na criação de um espaço onde os discentes possam expressar os saberes armazenados na memória, de suas vivências, experiências significativas, registros e histórias particulares de cada comunidade, podendo trabalhar os conceitos a partir desses elementos.

Esse espaço dialógico também deve estar presente nas escolas, considerando os valores do sujeito do campo Freire (1997). Na colocação de (KOLLING, NERY, MOLINA, 1999, p. 72) observamos a seguinte contribuição;

Vive-se em um tempo em que a escola também é uma das convocadas a tomar posição diante da realidade, ajudando a construir as referências culturais e políticas para o discernimento dos estudantes em relação às suas opções. É a isso que pode chamar de educação para a autonomia.

É um trabalho inspirado na ação coletiva, buscando ressaltar a especificidade que só a Educação do e no Campo tem, investindo numa nova forma de conhecimento a ser produzido diretamente com o povo e sua cultura, a fim de melhorar suas vivências no espaço onde vive, aproximando o espaço institucional das comunidades, ocorrendo nessa relação amplas transformações e aprendizagens diversas inerentes aos sujeitos. Numa nova abordagem de construir conhecimento, onde as pessoas tem o poder de mudar suas concepções e onde cada estudante será responsável pelo que ocorrer depois da formação.

3 METODOLOGIA

O estudo constituiu-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza exploratória. Esse tipo de pesquisa tem como “objetivo proporcionar uma visão geral acerca do assunto em questão, descobrindo novos enfoques quando o tema escolhido é pouco explorado ou difícil de formular hipóteses concisas” (GIL, 2008, p. 46). Mesmo que a natureza deste tipo de pesquisa não utilize costumeiramente variáveis quantitativas, a pesquisa a ser desenvolvida parte de um universo representado por uma quantidade de profissionais, que atuam no planejamento e desenvolvimento de suas ações.

A pesquisa foi desenvolvida com todos os estudantes da 8ª fase do Curso Interdisciplinar: Ciências da Natureza- Licenciatura, da UFFS, *Campus* Erechim. Sendo 9 estudantes os participantes da pesquisa dos 12 matriculados, são sujeitos residentes do campo e da cidade, mas que tiveram sua formação inicial em escolas públicas e estabelecem relações e vivências no campo. Esses questionários foram respondidos por sujeitos indígenas e não indígenas, grupo composto de 6 mulheres e 3 homens de faixa etária entre 25 a 48 anos de idade, estudante 3 já atuam como professores de outras disciplinas em escolas.

A forma para coleta/construção de dados deu-se ao utilizar como instrumento um questionário misto, contendo perguntas abertas e fechadas. A utilização desta ferramenta de coleta permite investigar de forma ampla e uniforme os conhecimentos, interesses, expectativas e opiniões do público investigado (GIL, 2008, p. 120).

Essa pesquisa abrange coleta de informações bibliográfica contida em livros de teóricos, algumas informações importantes para dar base ao trabalho, também traz o cunho documental, feito através da leitura do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Sendo assim, em relação ao objetivo a pesquisa é qualitativa exploratória, e em relação aos procedimentos técnicos ela é documental.

A escolha do tema pesquisado fez-se devido ao descontentamento percebido de alguns alunos que não sentiam sua cultura contemplada no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura e na universidade, vendo o espaço como restrito ou nenhum para divulgar sua cultura, além das várias reclamações tidas em aula e fora deste espaço sobre a questão interdisciplinar trabalhada ou não pelos docentes e sua relação com os estudantes.

Dando mais ênfase à questão interdisciplinar uma das questões mais cobradas dos alunos durante os estágios realizados nas escolas, o quanto se sentia perdidos e confusos na

realização dos planos de aula, conduzindo, assim a pensar essa abordagem tida pelos docentes na questão cultura, interdisciplinaridade no curso na universidade.

Para desenvolver a pesquisa realizou-se a leitura de artigos, livros, a partir de diálogos em aula e de suas observações, descrevendo o texto a partir de teorias de teóricos, trazendo em seu corpo citações que são importantes a ser analisadas. Houve a delimitação do tema e da turma 2015. 1 para a qual foi aplicado os questionário visando identificar como é trabalhado a cultura, as Ciências da Natureza a partir da cultura, numa perspectiva interdisciplinar.

Em seguida construiu-se o questionário com questões abertas e fechadas que foram entregues aos estudantes da 8º fase, junto do termo de consentimento. Os participantes puderam responder as questões e entregar em aula. As questões foram separadas uma a uma, organizando e analisando de acordo com sua especificidade, exemplo; cultura, interdisciplinaridade, tempo comunidade, tempo universidade dentro da prática pedagógica.

Essa forma de classificação em tópico de análise possibilitou chegar aos resultados finais, conforme observado na tabela no apêndice deste trabalho. A fim de ter os dados concretos várias leituras foram feitas, observando os questionários aberto e fechado, para saber como os professores estão trabalhando com aos alunos a questão da interdisciplinaridade e cultura, e como os estudantes percebem esse trabalho.

Os questionários foram à fonte de informação para a coleta e construção dos dados com a intencionalidade, de reconhecer quem são os sujeitos (estudantes) trabalhadores do campo e da cidade. De modo foram selecionados cada pergunta a um campo correspondente conforme observado na descrição a seguir:

Quadro 1 - item x as questões correspondentes

Tópico de Análise	Cultura	Interdisciplinaridade	Tempo Universidade	Tempo Comunidade
Questões	1, 2, 5, 6, 9,13	3, 4, 11	8, 10, 12	7
Nº de questões	6	3	3	1

Fonte: Lucimara Espich (2018).

A análise dos dados ocorreu a partir das cinco etapas destacada por Moraes (2011), que sugere o seguinte roteiro: i) preparação das informações; ii) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; iii) categorização ou classificação das unidades em categorias; iv) descrição e v) interpretação. Assim, ocorreu a leitura dos dados coletados dos

questionários, os quais foram separados por unidade, contendo aspectos semelhantes e integrado, identificando os estudantes participantes por sessão numérica.

Todos os estudantes receberam códigos para sua identificação referentes nos resultados e discussões, se constituindo da seguinte forma (A1, A2, A3.....A9), com isso observa-se como os docentes desenvolvem o trabalho educativo, se os mesmos contemplam a cultura dos seus sujeitos, a forma que ocorre, como os estudantes percebem a integração com a interdisciplinaridade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ABORDAGENS DOS ASPECTOS CULTURAIS NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS:

Nas respostas à questão 1: “De acordo com o PPC da UFFS, *Campus Erechim/ RS*. O Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza- Licenciatura, traz em seu ensejo a forte característica de vincular ao processo de formação docente integrado aos saberes da comunidade de pertença do estudante e sua cultura. Em sua opinião como está sendo abordada a cultura dentro da Universidade pelos docentes?”

Através dos dados identificou-se que os estudantes A2, A4, A8 e A9 tiveram como resposta a mesma linha de pensamento, que a cultura é pouco abordada, inserindo que ela esta presente em diálogos e debates promovidos por algumas disciplinas, também está presente no SIFEDOC e nos estágios. A2 traz a seguinte consideração “fraca, pois algumas, não são nem mencionadas” já A8 considera que “ nas aulas isso é pouco enfatizado. Somente vi a questão da cultura trabalhada por alguns professores em momentos como o SIFEDOC. A cultura é falada mas mais trabalhada nos estágios pelos próprios alunos.”

Para A5, A6, A7, A3 introduzem que a cultura é abordada de forma satisfatória, conforme A6 e A7 “através de diálogos e debates relacionando o conteúdo com a realidade”. A3 ainda menciona que a cultura é abordada de uma forma geral, fazendo relações com o conhecimento científico, aparecendo esse elemento que diferencia dos demais participantes. A1 diz “não está sendo abordada pelos educadores”, isso nos faz repensar ação profissional se está vindo de encontro ao descrito no PPC.

Analisando as respostas dos alunos percebeu-se a necessidade de desenvolver o trabalho educativo contemplando a cultura do sujeito, abrindo mais espaço na Universidade para os educandos inserir sua história, sua cultura, atribuindo significado a vida do sujeito, assim, como nos traz Caldart (2000, p 35) “o maior patrimônio de um país é seu próprio povo, e o maior patrimônio de um povo é sua cultura”, enfatizada a importância da cultura por outros autores como Kolling, Nery e Molina (1999) Caldart (2008), Luckesi (2000), Benjamin e Calart (2000) conforme visualizado no referencial teórico.

Nas respostas à questão 2: “A Universidade está dando espaço para os alunos divulgarem sua cultura no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza, sentirem –se acolhidos pela mesma? De que modo? Explique.”

Identifica-se na descrição de A2, A4, A6, A8, A9 que a cultura é divulgada por meio de trabalhos apresentados pelos educandos em eventos como seminários integradores e oficinas. Na contribuição de A4 temos “A Universidade sempre tem abrido espaços para nós, apresentarmos nossa cultura nos eventos acontecidos na Universidade.”. Aos estudantes A1, A3, A7 a cultura é pouco abordada, A3 salienta que “A cultura mais divulgada é a indígena, é perceptível a falta de outras, falta de aprofundamento e oportunidade” e o A5 traz que a cultura não é divulgada, ao mesmo tempo em que descreve que “ela só ocorre em dias de eventos, e não ocorre em outros momentos para valorização da cultura ou do curso”, Surgiu também um fator relevante trazida pelos estudantes o “olhar limitador e diferenciado dos outros graduandos dos outros cursos tido na Universidade para com os estudantes do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza. A Universidade é um espaço público e também é uma das “convocadas a tomar posição diante da realidade, ajudando a construir as referências culturais e políticas para discernimento dos estudantes[...]” Kolling, Nery e Molina (1999).

Sendo assim, 90% dos participantes percebem que cultura é divulgada somente em eventos como seminários, precisando de outros momentos para integração de todos os estudantes e sua cultura. Nesse sentido, por a cultura ser tão importante conforme Caldart afirma, vê-se a necessidade de trabalha-la em outros momentos no ambiente universitário. E é preciso que a Universidade busque integrar propostas com urgência, no propósito de romper com esse olhar diferenciado que os estudantes do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza destacam em suas contribuições, para que não se sintam excluídos e desrespeitados nesse espaço por ser sujeitos do campo ou provenientes do mesmo. Se faz importante criar estratégias capazes de integrar os demais graduandos de outros cursos promovendo melhorias a todos os sujeitos que usufruem desse espaço, a fim de construir conhecimentos e contribuir para melhorar a sociedade e suas desigualdades.

Nas respostas à questão 5: “Projetos estão sendo construído junto a sua comunidade de pertença, dando espaço a cultura, a partilha de saberes e experiências?”

A1 salienta serem “pouco enfatizados os projetos”, diz que apenas percebe a relação do projeto quando faz a “ ligação entre campo e agroecologia”.

A2 e A9 dizem “sim” ocorre a construção de projetos dando espaço a cultura, saberes e experiências, mais não especificam como, em que momento ele ocorre.

A3, A4, A5, A6, A7 e A8 trazem que “não” há interação e integração de projetos A4 relata que “só ocorre projeto construído por mim” na horta escolar na prática de estágio.

Temos aqui dados que precisam de uma atenção maior dos docentes, de como esta sendo conduzido e promovido à partilha de saberes, a construção dos projetos como são pensadas, há envolvimento de outros docentes na construção dos projetos, ou ele ocorre como trazido pelo estudante apenas construído pelo mesmo na escola onde realizou a prática de estágio. Notamos que a maioria dos estudantes estão insatisfeitos em relação à construção de projetos que integram ou não comunidade e Universidade. Benjamin e Caldart (2000) associam que é preciso “aprender a potencializar os elementos presentes nas diversas experiências.”, ainda contribuem autores como Berino (2013), Araujo (1998), Dewey (2011). Após a pesquisa, tem-se a criação do projeto de horta abordando o tema agroecologia, com elementos importantes a ser trabalhados com os estudantes em formação, trazendo sementes, participação e contribuição das comunidades para a Universidade e vice e versa, o qual promovera muito conhecimento.

Nas respostas à questão 6: “Pretende-se, também, que os futuros professores além de uma formação sólida, tenham conhecimento de como se trabalha e se pesquisa nas áreas das Ciências da Natureza, Biologia, Física e Química. Quais procedimentos, experiências e cálculos, enfatizando conteúdos atuais que podem ser utilizados como instrumentos para a compreensão do mundo contemporâneo. Aliado a tais conhecimentos, tem-se a perspectiva de fornecer as ferramentas necessárias para que o professor tenha condições de elaborar metodologias de ensino contextualizadas e entrelaçadas ao cotidiano do educando. Como você insere sua cultura, sua identidade formadora durante as aulas, na graduação?”

A maioria dos estudantes salientam que inserem a cultura em aula relacionando os conceitos científicos com os populares, promovidos por “diálogos, debates, relatos em aula” e nas apresentações dos “seminários integradores” onde ocorre a partilha de saberes e cultura, sendo que as questões apresentadas pelos estudantes estão ligadas a “prática de estágio”, considerações de A1, A2, A3, A5 e A7. Algumas contribuições trazidos pelos estudantes A3 “tentando articular conhecimentos populares e científicos”,

A4, A6, A8 e A9 insere que a cultura, é pouco abordada em aulas. A4 “às vezes dá para inserir dependendo da disciplina”, A9 “nos relatos de estágio”. É importante inserir a cultura do sujeito, pois ela forma sua identidade e reafirma os “povos do campo como sujeito de seu próprio destino, de sua própria história” Benjamin e Caldart (2000), contando ainda com as contribuições de Araujo (1998) trazidas na pesquisa.

Nas respostas à questão 9: “A cultura está sendo trabalhada durante discussões feitas em aula ou por projetos? De que maneira isso se dá. Explique.”

A1, A2, A5 e A9 trazem que a cultura é “pouco abordada”, ela ocorre por meio de leitura de “texto, trabalho em sala de aula, presente nos seminários integradores”, A5 destaca que “há relações estabelecidas entre elementos da cultura (indígena) mas pouco”. A9 “através de discussão em sala de aula”.

A3 e A4, diz “não” ocorrer e A8 traz a mesma opinião acrescentando que “somente ocorre projetos de experimentação científica para explicar fenômeno”.

A6, A7, A8 dizem “não” ocorrer, mais relatam que ocorre inserção da cultura em “seminários, e nas discussões e debate tido na sala de aula”. Por esses sujeitos ter conhecimentos e experiências ligadas ao campo faz-se importante abordar a cultura dos mesmos com utilização de projetos ou não, pois como descreve Munarim(2011) “o campo é espaço da cultura”, precisa ser integrado e trabalhado com o olhar e pensar de respeito ao povo e as formas de vivências e produção de vida, cultura etc.

Nas respostas à questão 13: “Em sua opinião o que precisa ser melhorado para que você se sinta parte envolvida(o) e contemplado no espaço universidade, especialmente no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza? Dê sua contribuição.”

Evidenciou-se as seguintes contribuições dos estudantes, para mais A1 “envolvimento com outros alunos em outros momentos”, propondo a interação, o “respeito entre as etnias e cultura”, A5 nós traz que o “professor precisa dar espaço para o estudante tirar suas dúvidas quando surgir, disponibilizar-se em atender o estudante”, ao mesmo tempo em que o docente deve A7 “conhecer a realidade dos seus alunos, e compreender sua vivência, olhando os estudantes como seres humanos que tem suas particularidades, uma vida além da Universidade”. Nesse mesmo pensar A8 responde “todos temos particularidades, um olhar para isso seria o ideal, olhar-nos como seres humanos que tem necessidades, que tem família, vida, trabalho e estudos quando não estamos na Universidade”. A4 e A6 traçam a mesma linha de pensamento que “os docentes desconhecem a forma de vida de seus alunos, desconhece sua cultura”, tem uma relação restrita com os profissionais da educação, assim como com os demais graduandos que desfrutam do espaço universitário”.

Outras questões são abordadas pelos estudantes como enfatiza A3 “perceber os alunos que se dedicam verdadeiramente aos estudos, porém, às vezes tem um pouco de dificuldade” sendo necessária a compreensão e ajuda do educador. A9 traz que é importante ter “práticas em agroecologia, também começar a construir os planos de estágio no início do curso”.

São alguns aspectos que precisam ser repensados e não ignorados para que o estudante se sinta completo e disposto a buscar ter maior envolvimento nas aulas, sem sentir-se intimidado por alguma situação ou circunstância desconfortável. São em momentos de partilha entre professor e estudantes, estudantes e estudantes que objetiva-se “formar sujeitos críticos, conscientes e autônomos”. Sartori (2016), atuando de forma mais reflexiva pode-se integrar o estudante sua cultura, reconhecer suas potencialidades e dificuldades assim poder auxilia-los a desenvolver-se sujeitos “livres” conforme aponta Freire (2011), Haddad (2012) reforça que o conhecimento deve ser garantido a todos os seres humanos, independente de qualquer condição pessoal”.

Pode-se perceber na pesquisa que a cultura aparece mais nos momentos de seminários integradores, pouco em sala de aula quando o docente abre espaço ao diálogo, sendo que nem todos proporcionam esse momento, considerado no SIFEDOC como um momento importante de socialização de conhecimento e cultura e não ocorre em outros momentos conforme respostas dos estudantes.

Diante da análise das informações comentadas pelos estudantes da 8ª fase, nota-se que a Universidade e o Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura apresenta uma falha quando se trata da integração da cultura, tanto em aula como em projetos e trabalhos desenvolvidos pelos estudantes.

Poucos projetos de participação de todos os sujeitos são promovidos pela Universidade são construídos, integrando outros graduandos na construção de diálogos. Nota-se uma limitação onde às apresentações de seminários integradores ficam restritas aos alunos do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura.

Os seminários são momentos enriquecedores e poderiam ser um momento de partilha e integração de outros estudantes, observando a construção de seus trabalhos dando abertura a visualizar o conhecimento construído por outros graduandos, atribuindo outras fontes de conhecimentos necessários para uma formação mais dinâmica e ampla aos estudantes universitários.

Os docentes precisam rever suas metodologias e práticas, pois os estudantes mencionam que não veem relação do trabalho interdisciplinar feito pelos docentes, há presença de muita teoria falando do assunto a ser estudado e uma falta de cumprir com o que é dito, não integrando a prática em seu trabalho educacional.

Existe um descompromisso com aquilo que fala e faz, é preciso mudança, por meio de reflexão e do debate que deve ser feito no coletivo como forma de identificar falhas e tentar reorganizar um trabalho de qualidade. O estudante muda suas ações e pensamento quando o

docente inova seu jeito de pesquisar, de promover o diálogo no objetivo de auxiliá-los em sua formação, também promovendo uma “uma sociedade cada vez, mas humana” (GADOTTI, 2000).

É possível notar que alguns docentes confundem interdisciplinaridade com falas automáticas, que não incrementam direcionamento aos estudantes, e estes sentem o processo de ensino e aprendizagem desarticulado de sua vivência, não estabelecendo relação na metodologia e na práxis utilizada. Freire (1998) menciona o “pensar certo” implica em agir certo, esse pensar evita vivenciar o caminho de retrocesso, cheio de dúvidas, medos, incitando o fazer e promovendo o não fazer.

Há uma insegurança e timidez trazida por alguns alunos que podem ser próprias de sua construção ou nascida diante de algumas situações que o fizeram inibirem-se na presença do educador, os levando a não questionar, perguntar, quando surgem dúvidas. A ação promovida por alguns docentes em determinadas situações desfavorece o aprendizado do estudante, que se sente confundido, e leva a não compreensão dos conceitos estudados.

O auxílio docente é ponte de direcionamento ao estudante para realizar suas tarefas, suas pesquisas, realizar seus trabalhos no coletivo ou individual, adotar uma postura clara, aberta, produz a confiabilidade. Pois o estudante ao recorrer ao auxílio docente visa trocar ideias, sente-se seguro e visualiza um campo maior de possibilidades aumentando sua busca e sua potencialidade, e não se depara com uma conduta restrita, inadequada.

4.2 ASPECTOS INTERDISCIPLINARES

Nas respostas à questão 3: “Você percebeu que em algum momento o educador muito tem falado sobre interdisciplinaridade e no seu papel de educador durante suas aulas, não tem adotado esta proposta em sua prática?”

Para A1, A2, A3, A5, A6, A7 a interdisciplinaridade é trabalhada somente na teoria, não visualizando a prática em aula, alguns dos profissionais seguem a disciplina, aparecendo à cobrança na prática dos alunos em aula, especificamente no estágio. A1 “muito é falado mais na prática não estamos tendo, e isso nos prejudica muito, principalmente em relacionar a interdisciplinaridade no estágio”, A2 “sim, porque o nosso curso é por disciplina”, A3 “pouco é mostrada na prática mais muito é cobrada nos estágios”, A7 muito falam na teoria”.

A4, A8 e A9 “não” veem à interdisciplinaridade sendo trabalhada, considerando a teoria e a prática desarticulada, A8 “muito falam na teoria, mas na prática há distanciamento”. Nisso observa-se que 60% dos alunos opinam que a interdisciplinaridade é evidenciada na

teoria tendo a ausência na prática dos docentes, outros, porém não conseguem perceber a relação entre teoria e prática. Eis, que ainda percebe-se conforme trazido pelos estudantes que existe uma cobrança para que os mesmos realizem esta prática nas aulas práticas de estágio dadas nas escolas, mas que os docentes do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza deixam de fazê-la ou a fazem dentro de uma teoria limitada que se alicerçam.

Isso deixa transparecer uma linha de ensino bastante tradicional que está presente na ação pedagógica de alguns docentes e precisa ser trabalhada para romper os limites e agir num equilíbrio entre teoria e prática. De acordo com Dewey (2011) “o educador deve saber como utilizar as circunstâncias físicas e sociais existentes, delas extraindo tudo o que possa contribuir para a construção de experiências válidas”, e suas contribuições ainda temos “o papel do educador não é ser passivo”, só buscando seu interesse, por isso, consideramos que a instituição da espaço para o educador trabalhar a interdisciplinaridade e da base para isso esta fundamentada no PPC do curso.

Nas respostas à questão 4: “A interdisciplinaridade tem ocorrido em todas as disciplinas dispostas aos alunos do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza?”

O aluno A1 comenta que a “interdisciplinaridade é vista no PPC do curso, e quando mencionada é através dele”. Para A2, A3, A4, A5, A6, A7 e A8 “não ocorre trabalho interdisciplinar, é trabalhado mais as disciplinas, sendo que as específicas é fortemente fragmentado”. A4 “não, cada professor tem trabalhado a sua disciplina, não vi nenhum professor trabalhar de forma interdisciplinar, sendo que o curso é interdisciplinar”, A8 “não, as específicas é fragmentado”

Apenas o aluno A9 cita que “acredito que ocorre a interdisciplinaridade”, porém não define a forma que ela acontece.

Por meio das descrições dos alunos percebemos que há o distanciamento da aproximação de outras disciplinas no trabalho docente, fixando-se em sua matéria específica. Os estudantes não conseguem perceber onde ocorre a interdisciplinaridade, não ficando esclarecido ou visível pelos mesmos o trabalho que caberia ao mediador dar formato.

Benjamin e Caldart(2000) “a escola deve ajustar-se, em sua forma e conteúdo, aos sujeitos que dela necessitam; é a escola que deve ir ao encontro dos educandos”, não apenas a escola ou outras instituições de ensino mais penso que os docentes também precisam ir de

encontro as necessidades de seus estudantes. Penso que se o aluno vive o processo formativo dentro da abordagem interdisciplinar, isso, o auxilia a ter uma formação de qualidade, mais integrada do mundo, mais assertiva, que venha fundamentar e enriquecer a sua formação, desvinculando-se do ensino tradicional centrado apenas na disciplina ainda de forma restrita e fragmentada.

Nas respostas à questão 11: “As Ciências em seu formato interdisciplinar possibilita trabalhar a agroecologia, como ela tem sido vinculada em aula pelos educadores?”

A1, A2, A4, A5, A6, A7 e A9 a agroecologia esta sendo trabalhada por alguns docentes que nos dão base por meio de diálogo, mas precisa mais relação entre as disciplinas de biologia e física. Na concepção de A2 “por alguma forma que nós de base”, A9 “foi colocado em prática no estágio”

A7 introduz que “é trabalhada apenas na prática do estágio”, nisso A3 e A8, aponta ela é só “mencionada em alguns componentes curriculares, como exemplo de produção”, sendo pouco trabalhada na teoria e nada na prática. A3 “tendo muita teoria e nada de prática nas aulas”.

4.3 TEMPO UNIVERSIDADE

Nas respostas à questão 8: “Nesse espaço institucional você sente-se:”

- () Contemplado(a) () Respeitado(a) () Intimidado(a)
 () Desvalorizado(a) () Valorizado(a) () Discriminado(a)

A1 e A9 sentem-se “contemplado”.

A2, A3, A4, A5, A6, A7 e A8 sentem-se “respeitado”, sendo que A8 traz algo importante a ser comentado; ao sentir-se “intimidado em alguns momentos”, e isso em partes acaba atrapalhando a desenvoltura do estudante que sente insegurança de questionar ou expor sua opinião.

Nas respostas à questão 10: “Em algum momento durante seu processo de formação você recorreu ao auxílio de um educador e ele não lhe ajudou, o deixando coagido.”

A1 e A2 trazem que “sim” já recorreram ao auxílio de educador em algum dado momento e este não auxiliou. A2 “sim, recorri para ajuda, alguns foi de forma satisfatória, outros não”. Junto se põe a colocação de A5 e A9 que dizem já terem “negado” sua solicitação de “amparo”, porém, em sua resposta também observamos que “todos auxiliaram”, havendo uma contradição nas respostas.

A3, A4, A6, A7 e A8 relatam que “não” quando recorrida à ajuda do educador sempre foram atendidos. A9 “por vezes me sinto intimidada a lhes procurar” a fim de buscar auxílio. A3 “no meu caso todos os educadores me auxiliaram em que precisei”

Nas respostas à questão 12: “A teoria e a prática estão sendo cogitadas pelos professores de modo a contribuir na sua formação profissional?”

menos teoria e mais prática satisfatoriamente insatisfatoriamente

menos prática e mais teoria parcialmente

A1, A2, A3 e A7 a práxis trazida pelos docentes é de maneira parcial, colaborando pouco para sua formação docente.

Os estudantes A4, A5, A6 e A8, pensam que a práxis está vindo ao encontro de suas necessidades, vendo ela como algo satisfatório, ao mesmo tempo em que A4 e A5 expõem que é satisfatória mais precisa menos teoria e mais prática. A9 relata estar insatisfatório quanto às práxis trazida pelos docentes, isso desfavorece sua formação profissional.

4.4 TEMPO UNIVERSIDADE

Nas respostas à questão 7: “As aulas estão vindo de encontro as suas necessidades, os educadores têm disponibilizado o atendimento para sanar as dúvidas, ou promover outros encaminhamentos no espaço de aula ou fora dele? Explique como isso ocorre ou não ocorre.”

A2, A3, A5, A6, A7, A8 e A9 trazem uma informação muito importante em relação abertura e acessibilidade que o profissional promove se disponibilizando para o atendimento aos estudantes, que “ocorrem por utilização de meios de comunicação, redes sociais e pessoalmente”, colaborando muito na formação do novo profissional da educação.

A1 traz que alguns docentes “não dialogam, não dão espaço para tirar dúvidas, não dão ideia quando solicitado”.

A4 relata que ocorre o “atendimento mais aberto na disciplina de estágio, mas nas outras disciplinas não ocorre”. Seria importante promover momentos de atendimento ao aluno, auxiliando a esclarecer dúvidas e ter acesso a outras informações que lhe ajudaram na compreensão dos conteúdos estudados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar por meio dos dados descritos e analisados pelos estudantes da 8ª no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza - Licenciatura os desafios e potencialidades em relação à diversidade cultural presente no espaço universitário.

Por meio da análise identificou-se a postura bastante tradicional de alguns docentes em suas ações, e o esforço perceptível de outros na busca de promover meios para auxiliar seus estudantes a ter uma boa formação dentro da abordagem interdisciplinar, integrando a cultura aos conceitos estudados, trazendo as considerações importantes dos estudantes da 8ª fase e por autores como Lopes (2006), Kolling, Nery e Molina (1999), Andery (1996), Guimarães (2010), Benjamin, Caldart (2000).

A atitude desconectada de ensino com a vida do estudante, sem estabelecer relações com outras disciplinas gera a ingenuidade na forma de agir, de pensar, permanecendo, assim, na zona de conforto, com ação de reprodução do ensino bastante tradicional, distante da realidade do estudante, isso faz com que não tenha espaço para inserir a cultura, do sujeito, sua história, seus valores, aspectos importantes ressaltados por Caldart (2009).

É necessário olhar e perceber a necessidade de seus estudantes e respeitá-los como seres humanos participantes do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, que se sintam valorizados no espaço universitário. Buscar uma ação pedagógica mais dialógica a fim de não intimidar os estudantes como descrita pelos estudantes que ocorre na ação de alguns docentes, sendo estes dispostos prestar atendimento, tirar dúvidas quando estas surgirem, tornando o ambiente agradável.

A universidade necessita criar meios para que ocorra a participação e integração de todos os graduandos, a fim de romper com o olhar diferenciado que os estudantes do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza - Licenciatura tem sentido neste espaço, pois mais que estão inseridos, se sente inferiores aos demais estudantes ali presentes.

Ainda observa-se a interdisciplinaridade sendo pouco trabalhada nos componentes curriculares, visualizada na teoria, e pouco prática, em algumas situações nem é mencionada, conforme estudantes trazem a mesma é promovida pelos próprios estudantes na prática de estágio. Outra questão trazida na pesquisa é a inserção da cultura apenas nos seminários integradores e debates em sala de aula quando o educador proporciona esse momento, estando presente ainda no SIFEDOC, nos demais momentos institucionais a falta de envolvimento da

cultura. Existe a falta de projetos que promove interação entre comunidade e universidade, mencionadas pelos estudantes, essa seria um momento importante para partilha de conhecimentos. Esses elementos tão importantes também são citados por Moraes et al (2002) e Zômpero (2009).

A prática ligada a agroecologia não é evidenciada na instituição, ela é mencionada em discussões de poucas matérias, ela foi trabalhada na prática de estágio na construção da “horta escolar” as quais foram desenvolvidas pelos estagiários e seus alunos.

Nisso visualiza-se as diferentes posturas e abordagem de trabalho tido pelos docentes, alguns dispostos a formar estudantes dentro de uma perspectiva interdisciplinar auxiliando o caminho e a sua formação, por outro lado identifica-se profissionais limitando sua ação numa base tradicionalista, onde estudante não estabelece ligação com sua vivência, com sua cultura.

Se não há espaço para o estudante aproximar-se do docente, tende a seguir o processo de ensino e aprendizagem com dúvidas permanentes, isso leva o estudante a não questionar, ficando passível a informação dada como única e verdadeira, Zômpero (2009), Freire(1997).

É impossível solucionar o problema sem olhar nossa atuação e perceber o que se precisa mudar. E quando identificado querer mudar, pois este é o caminho que gera o desconforto, é a chave que faz o docente mover-se a uma melhor postura e atuação, isso ocorre quando este permite se atualizar e sair do conforto, buscando, confrontando aquilo que é diferente, construindo conhecimento e compartilhando com os estudantes, desta forma estará disposto a considerar a realidade do estudante, suas limitações, sua potencialidades, dando significado a sua formação.

Conclui-se diante desses pareceres que muitos ajustes precisam ser feitos para integrar a cultura dos sujeitos, na prática educacional, dando espaço à prática da interdisciplinaridade e à agroecologia, não apenas a ser comentada em diálogo a partir de leitura ou de seminários expositivos de práticas do estágio, onde este trabalho é feito. Os estudantes desejam visualizar mais prática e menos teoria na atuação dos docentes, aprendendo a apreender a agir de maneira progressiva e não retroativa.

A pesquisa, em seu objetivo de analisar se a formação docente proposta pelo Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura contempla os aspectos culturais vinculados ao ensino das Ciências na Universidade Federal Fronteira Sul - Campus de Erechim – RS. (turma 2015.1, 8º semestre). Conclui-se que os aspectos culturais estão sendo pouco introduzido nas aulas, apenas oportunizado em algumas disciplinas por meio de diálogos, o mesmo é evidenciado na forma interdisciplinar de conduzir o processo de ensino e aprendizagem.

A questão é que alguns docentes conduzem as suas aulas numa forma bastante tradicional de ensino, não buscam estratégias que possam favorecer o trabalho pedagógico mais crítico, libertador, destacado por Freire (1997) que contemple aspectos da vivência dos sujeitos, em específico sua cultura. Além disso, a universidade precisa dar condições para trabalhos que envolvam todos os grupos que usufruem deste espaço para ter maior envolvimento e trocas de saberes entre as culturas presentes.

Esta integração e envolvimento de outros sujeitos criam possibilidade de novas experiências, visões, e conhecimentos que propiciam agregar saberes a formação dos sujeitos, usando em seu benefício algumas estratégias e inovações que podem ser pensadas e percebidas a partir do observado de outros sujeitos, que expressam suas experiências e criações.

Esta pesquisa direciona os docentes a olhar e repensar sua atuação docente, buscando melhorar a qualidade de ensino e a formação dos estudantes no ensino interdisciplinar na área das Ciências da Natureza, com isso ressignificar sua própria bagagem de conhecimento.

É importante tornar o ambiente universitário uma referência, não apenas por dar espaço à diversidade cultural no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, mas por sustentar o referenciado no PPC do curso, formando discentes capazes de ajudar a valorizar e conhecer o campo. Também precisa ser um ambiente que possa auxiliar na transformação da sociedade e dos seus sujeitos, por meio da mediação dinâmica e dialógica.

Para isso, compete ao docente proporcionar ações que conecte a cultura do sujeito, junto dos conteúdos científico estudados, aproximando a comunidade da Universidade, firmando que a educação de qualidade é o caminho que torna possível romper os muros instrucionais e vencer desafios tidos na sociedade por conhecê-la como ela é.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, U.F. **O déficit cognitivo e a realidade brasileira**. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. 5. ed. São Paulo: Summus, 1998, p. 44.
- ARROYO, M. G. **Currículo, território de disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ANDERY, Maria Amália et al MICHELETTO, Nilza. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: São Paulo: EDUC, 1996.
- BENJAMIN, César. CALDART, Roseli Salette. **Projeto Popular e escolas do campo: Por uma educação básica do campo**. 2. ed. Brasília, DF. 2000.
- BERINO, Aristóteles. **Diversidade Étnico-Racial e Educação Brasileira**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Laboratório de Estudos Afro-brasileiro e Indígenas. Seropédica, Rio de Janeiro, 2013.
- CALDART, R. S. **Sobre educação do campo**. In: Santos, C. A. (org.). Educação do campo: campo – políticas públicas – educação. Brasília: Inkra/MDA, 2008. p. 67 – 86.
- CALDART, R.S. **Sobre a educação do campo**. In: SANTOS, Clarice (Org.). Educação do campo: Campo-políticas públicas-educação. Brasília, DF: INCRA; MDA, 2008.
- CALDART, Roseli Salette. **EDUCAÇÃO DO CAMPO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DE PERCURSO**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v7n1/03.pdf> . Acesso em 07 de novembro de 2018.
- CARBONERA, Geraldo. **Dos castigos para a arte de educar**. Curitiba, PR-2001. p. 60.
- COSTA, Francisco de Assis; CARVALHO, Horácio Martins. Agricultura Camponesa. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, et. al. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CHASSOT. Attico. **A Ciência é masculina: é sim senhora**. 8. ed. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. 2. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 2011.
- FREITAS, Helena Costa Lopes. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas: Papyrus, 2012.
- GADOTTI, Moacir. **Comunicação docente: ensaio de caracterização da relação educadora**. Ed. Loyola. São Paulo, 2000.

GIORDANI, Júlio A. ARL, Valdemar. BASTIANI, Izolde. FRITZEN, Sérgio. **Agricultura Alternativa Ecológica**: Livro verde. CEPAGRI. Caçador-SC. 1991.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2005. 3 ed.

GUIMARÃES. Luciana, Ribeiro. **Atividades para aulas de ciências**. Série professor em ação. ed. Espiral. São Paulo. 2010.

HADDAD, Sérgio. Direito a Educação. In: CALDART, R. ET al (orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. (pag.215).

HAMBURGUER A. I.; LIMA, Elvira C. A. S. **O ato de ensinar ciências**. Brasília. 1988.

HERNAIZ, Ignácio. **Educação na Diversidade**: experiências e desafios na educação intercultural bilíngue. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2009.

KOLLING, Edgar Jorge. NERY, Irmão Israel José. MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação básica do campo**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

KOLLING, Edgar Jorge. NERY, Irmão Israel José. MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação básica do campo**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LUCHESY, Cipriano. PASSOS, Elisete Silva. **Introdução à filosofia**: Aprendendo a pensar. São Paulo. ed Cortez. 2000.

LOPES, Antônio M. **Atenção à diversidade na educação de jovens**. São Paulo. 2006.

MOLINA, M.C.; SÁ, Laís Mourão. **Escola do Campo**. In: CALDART, R. ET al (orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

MORAES. Lenildo, Dias. **Transformações no mundo do trabalho**: O caso das instituições de pesquisa e desenvolvimento agropecuário. KUJAWA, Irael, AMADOR, Marici, Albuquerque. O Contexto Político e a Política Nacional de Formação da CUT. SINPAF. Brasília-DF, 2002. p. 96 a 106.

MORAES. Roque. **Análise de Conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre. 1999.

MOHR, Naira Estela Roesler; SANCEVERINO, Adriana Regina. (Organizadoras). **Campo, educação e trabalho**: Reflexões pedagógicas em construção. 1º.ed. IN: LIMA, Viviane de Almeida; SARTORI, Jerônimo. **O currículo na escola do e no campo**: uma abordagem histórico-crítica. Chapecó. 2016. p. 68.

MUNARIM, A. **Educação na Reforma Agrária**: gênese da Educação do Campo no Brasil. In Santos, E. V. (Org.). **Educação do Campo: rompendo cercas, construindo caminhos** (pp.7-21). Belo Horizonte: CONTAG, 2011.

PIMENTA, Selma Garido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PORTAL da Educação. O aluno no desenvolvimento da aprendizagem. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/o-aluno-no-desenvolvimento-da-aprendizagem/31852>>. Acesso em 16 de nov. 2018.

PROJETO Pedagógico do Curso (PPC) **Interdisciplinar em Educação do Campo** (Ciências da Natureza) - Licenciatura do Campus Erechim. (2013). Disponível em:<<https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/ppc/ccieccner/2016-0001>>. Acesso em 17 de nov. 2018.

PRSYBYCIEM, Moises Marques. SANTOS, Almir Paulo. SARTORI, Jeronimo. **Formação de professores em Ciência da Natureza para escolas do/no campo na UFFS – Campus Erechim: perspectivas e desafios**. Erechim, 2017.

RODRIGUES, R. S.; DAVID, D. E H. **A Promoção da Interdisciplinaridade no Ensino Médio por meio da ferramenta educacional WebQuest**. Disponível em: <<https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1668-8.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 7. ed. São Paulo: Ed, Cortez. 1985.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira; MORTIMER, Eduardo Fleury. **Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência- Tecnologia- Sociedade) no contexto da educação brasileira**. Belo Horizonte.2000. p. 121.

SILVA, Luiz Heron. AZEVEDO, José Clóvis, SANTOS, Edmilson Santos. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. ed. Sulina, Porto Alegre, 1996.

ZÔMPERO, Andréia de Freitas. **Ensino da Ciências Naturais: estudo e ensino**. Pedagogia. Unopar. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

APÊNDICE A: TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO

LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

As percepções dos discentes sobre identidade e cultura desenvolvidas nos componentes curriculares na formação de inicial de professores do campo.

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa as percepções dos discentes sobre identidade, cultura desenvolvida nos componentes curriculares na formação de inicial de professores do campo.

Desenvolvida por Lucimara Espich, discente de em Curso Interdisciplinar em Educação do Campo Ciências da Natureza – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Erechim sob a orientação do Professor Dr Leandro Carlos Ody.

O objetivo central do estudo é: Identificar e analisar as percepções dos discentes da 8ª fase sobre identidade, cultura desenvolvidos nos componentes curriculares durante o processo de formação inicial do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza da UFFS/*Campus* Erechim. Para verificar como é desenvolvido com os discentes sobre identidade, cultura nos componentes curriculares durante o processo de formação inicial do curso.

O convite à participação se deve à sua matrícula a 8ª fase do curso interdisciplinar ciências da natureza- licenciatura.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder o questionário com questões abertas e fechadas, sendo o tempo de duração da aplicação do questionário é de aproximadamente 25 minutos.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir com a produção do conhecimento, o que pode retornar posteriormente para a comunidade. Ainda, a devolutiva dos resultados da pesquisa será enviada para os participantes por e-mail.

Essa pesquisa poderá apresentar riscos de constrangimento e desconforto no seu desenvolvimento. Para minimizar esses riscos o pesquisador explicará de maneira clara os objetivos e procedimentos, bem como os participantes poderão desistir da pesquisa a qualquer momento. Caso os riscos identificados venham a se concretizar a pesquisa será interrompida e será agendada uma nova data.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Erechim, 01 de setembro de 2018.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Os pesquisadores, abaixo - assinados, se comprometem a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (54) – 9915-9545

e-mail: leandro.ody@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rodovia RS – 135, 200 – Zona Rural, Erechim – RS, 99700-000.

.

Assinatura do assistente de pesquisa

Tel: (54) – 3321-7051

e-mail: leandro.ody@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rodovia RS – 135, 200 – Zona Rural, Erechim – RS, 99700-000.

APÊNDICE B:

Questionário 13 questões abertas e fechadas para a 8º fase do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza-Licenciatura.

- 1) De acordo com o PPC da UFFS, Campus Erechim/ RS. O Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza, traz em seu ensejo a forte característica de vincular ao processo de formação docente integrado aos saberes da comunidade de pertença do educando e sua cultura. Em sua opinião como está sendo abordada a cultura dentro da universidade pelos educadores?
- 2) A Universidade está dando espaço para os alunos divulgarem sua cultura no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza, sentirem –se acolhidos pela mesma? De que modo? Explique.
- 3) Você percebeu que em algum momento o educador muito tem falado sobre interdisciplinaridade e no seu papel de educador, durante suas aulas não tem adotado esta proposta em sua prática?
- 4) A interdisciplinaridade tem ocorrido em todas as disciplinas dispostas aos alunos do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza- Licenciatura?
- 5) Projetos estão sendo construído junto a sua comunidade de pertença, dando espaço a cultura, partilha de saberes e experiências?
- 6) Pretende-se, também, que os futuros professores, além de uma formação sólida, tenham conhecimento de como se trabalha e se pesquisa nas áreas das Ciências da Natureza, Biologia, Física e Química, quais procedimentos, experiências e cálculos, enfatizando conteúdos atuais que podem ser utilizados como instrumentos para a compreensão do mundo contemporâneo. Aliado a tais conhecimentos, tem-se a perspectiva de fornecer as ferramentas necessárias para que o professor tenha condições de elaborar metodologias de ensino contextualizadas e entrelaçadas ao cotidiano do educando. Como você insere sua cultura, sua identidade formadora durante as aulas na graduação?

7) As aulas estão vindo de encontro as suas necessidades, os educadores têm disponibilizado o atendimento para sanar as dúvidas, ou promover outros encaminhamentos no espaço de aula ou fora dele? Explique como isso ocorre ou não ocorre.

8) Nesse espaço institucional você sente-se:

- () Contemplado(a) () Respeitado(a) () Intimidado(a)
 () Desvalorizado(a) () Valorizado(a) () Discriminado(a)

9) A cultura está sendo trabalhada durante discussões feitas em aula ou por projetos? De que maneira isso se dá. Explique.

10) Em algum momento durante seu processo de formação você recorreu ao auxílio de um educador e ele não lhe ajudou, o deixando coagido.

11) As Ciências em seu formato interdisciplinar possibilita trabalhar a agroecologia, como ela tem sido vinculada em aula pelos educadores?

12) A teoria e a prática estão sendo cogitadas pelos professores de modo a contribuir na sua formação profissional? Comente.

- () menos teoria e mais prática () satisfatoriamente () insatisfatoriamente
 () menos prática e mais teoria () parcialmente

13) Em sua opinião o que precisa ser melhorado para que você se sinta parte envolvida(o) e contemplado no espaço universidade, especialmente no curso educação do campo Ciências da Natureza? Dê sua contribuição.

Gráficos

Questão 1: Cultura na Universidade		
Participantes	Ideia Principal	Palavra Chave
A1	Não está sendo abordada	Insatisfatório
A2	Algumas disciplinas	Pouco abordado

A3	Relações com o conhecimento científico	Abordado de forma geral
A4	Não está sendo abordada	Pouco abordado
A5	Satisfatório	Abordado
A6	Dialogo e debates	Abordado
A7	Dialogo estabelece relação entre conhecimento e realidade	Abordado
A8	Trabalhado no SIFEDOC e pelos estagiários	Pouco abordado
A9	Falta ser mais explorada	Pouco abordado

Questão 2: Cultura na Universidade

Participantes	Ideia principal	Palavra Chave
A1	As vezes	Pouco
A2	Por trabalhos artesanais	Ocorre
A3	Oportuniza uma cultura outras não	Pouco
A4	Só ocorre em eventos	Ocorre
A5	Em eventos	Não ocorre
A6	Em oficinas	Ocorre
A7	Algumas relações	Pouco
A8	Ocorre no SIFEDOC, nos relato de estágio em aula	Ocorre
A9	Trabalhos apresentado nos seminários integradores	Ocorre

Questão 3: Interdisciplinaridade e o Mediador

Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Prática não visualizo	Sim

A2	Segue disciplina	Sim
A3	Prática é cobrada mais não é feita	Sim
A4	Comentada em aulas	Não
A5	Na proporção do conhecimento	Sim
A6	Não tem prática	Sim
A7	Teoria tem prática não	Sim
A8	Tem teoria prática é distanciada	Não
A9	Desarticulada teoria e prática	Não

Questão 4: Interdisciplinaridade e Disciplinas

Participantes	Ideia Principal	Palavra chave
A1	Vista no PPC	Pouco
A2	Sem articulação	Não
A3	Algumas sem articulação	Não
A4	Trabalha só disciplina	Não
A5	Interação entre professor e aluno	Não
A6	Não específico	Não
A7	Não específico	Não
A8	Nas específicas é fragmentado	Não
A9	Acredito que sim	Sim

Questão 5: Projetos e Cultura

Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Ligando campo a agroecologia	Pouco

A2	Não específico	Sim
A3	Sem interação entre universidade e comunidade	Não
A4	Projeto só construído por mim	Não
A5	Não tem	Não
A6	Não tem	Não
A7	Nenhum	Não
A8	Nenhum	Não
A9	Espaço limitado	Sim

Questão 6: Cultura e Aulas		
Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Relacionando o campo com o curso	Abordado
A2	Não especificou	Abordado
A3	Relacionando conceitos científicos com os populares	Abordado
A4	Depende da disciplina	Pouco
A5	Por diálogo	Abordado
A6	Diálogos e debates	Pouco
A7	Relatos no seminário integrador	Abordado
A8	Nos seminários	Pouco
A9	No estágio com outras disciplinas	Pouco

Questão 7: Tempo Universidade e Mediadores		
Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Alguns dão ideia, trocam diálogos, tiram dúvidas, outros não	Pouco
A2	Não de forma satisfatória	Sim

A3	Disponibilizam-se por meios de comunicação	Sim
A4	Só no estágio em outras disciplinas não	Pouco
A5	Em horários programados	Sim
A6	Não especificou	Sim
A7	Alguns professores se dispõem	Sim
A8	Por redes sociais	Sim
A9	Redes sociais e pessoalmente	Sim

Questão 8: Universidade		
Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Contemplado	Contemplado
A2	Respeitado	Respeitado
A3	Respeitado	Respeitado
A4	Respeitado	Respeitado
A5	Respeitado	Respeitado
A6	Respeitado	Respeitado
A7	Respeitado	Respeitado
A8	Respeitado e intimidado as vezes	Respeitado
A9	Contemplado	Contemplado

Questão 9: Cultura e Discussões		
Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Nos seminários integradores	Sim
A2	Por leitura de textos	Sim
A3	Superficialmente	Não
A4	Não especificou	Não
A5	Trabalho em sala	Sim
A6	Por debates	Não

A7	Discussões em sala	Não
A8	Projetos de experimentação científica para explicar fenômenos	Não
A9	Em aula e nos seminários	Sim

Questão10: Mediador e Estudante		
Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Não específico	Sim
A2	Alguns ajudaram outros não	Sim
A3	Auxiliaram	Não
A4	Nenhum	Não
A5	Não negou ajuda	Sim
A6	Não específico	Não
A7	Não específico	Não
A8	As vezes sou intimidado a busca-los	Não
A9	Todos auxiliaram	Sim

Questão 11: Interdisciplinaridade e Agroecologia		
Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Precisa mais aspectos para relacionar em biologia e física	Sim
A2	Alguns dão base	Sim
A3	Mais teoria menos prática	Pouco
A4	Não especifica como	Sim
A5	Não especifica	Sim
A6	Por diálogos	Sim
A7	Por diálogo e projetos de seminários	Sim
A8	É mencionado em alguns componentes	Pouco

A9	Por diálogo posto em prática no estágio	Sim
----	---	-----

Questão 12: Mediação e Práxis

Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Na teoria	Parcialmente
A2	Na teoria	Parcialmente
A3	Na teoria	Parcialmente
A4	Menos teoria mais prática	Sim
A5	Menos teoria mais prática	Sim
A6	Satisfatoriamente	Sim
A7	Não teoria	Parcialmente
A8	Satisfatoriamente	sim
A9	Na teoria	Insatisfatoriamente

Questão 13: Cultura e Universidade

Participantes	Ideia principal	Palavra chave
A1	Propor envolvimento com outros cursos	Envolvimento
A2	Respeitar e aceitar outros pensamentos	Envolvimento
A3	Mais respeito entre cultura e etnias	Interação
A4	Respeito à outra Cultura	Respeito
A5	Espaço pra retirar dúvidas	Espaço
A6	Conhecer a realidade do aluno	Conhecer
A7	Compreensão da realidade do aluno	Conhecer
A8	Olhar alunos como seres humanos, que tem vida além da Universidade	Conhecer
A9	Mais espaço para aluno tirar	Respeito

	dúvida	
--	--------	--